



CULTURA ARTISTICA

apresenta

Compagnie Maguy Marin

MAY B

# Compagnie Maguy Marin

## Seus integrantes

Maguy Marin, Denis Mariotte, Ulises Alvarez, Frederic Cornet, Stéphane Dosse, Christiane Glik, Françoise Leick, Michel Lecoq, Teresa Cunha, Yael Orni, Caty Polo, Jean-Marc Lamena, Isabelle Saulle.

Diretora Artística  
Co-diretor  
Administrador Geral  
Diretor Técnico  
Técnico de Iluminação

— Maguy Marin  
— Denis Mariotte  
— Antoine Manoglou  
— François Renard  
— Alex Beneteaud

## MAY B

Coreografia  
Figurino  
Iluminação

— Maguy Marin  
— Louise Marin  
— Pierre Colomer (baseado no desenho original de John Davis)  
— Franz Schubert e Gavin Bryars  
— Maison des Arts de Créteil e Maguy Marin

Música  
Co-produtores

A tournée na América Latina está sendo realizada graças à colaboração da Associação Francesa de Ação Artística, da Aliança Francesa e do IFAL do México.

A Companhia é subvencionada pelo Ministério da Cultura, da Comunicação, dos Grandes Trabalhos e do Bicentenário, pelo Departamento do Val de Marne e pela Cidade de Créteil.

APOIO CULTURAL



19/10/90 e  
20/10/90

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO  
Prefeita: Luiza Erundina  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA  
Secretária: Marilena Chaui  
TEATRO MUNICIPAL  
Diretor: Emilio Kalil

## un printemps français



Apoio  
Associação Franco-Brasileira de  
Intercâmbio Cultural

apoio  
M. Chandon





Maguy Marin iniciou seus estudos de dança aos 8 anos no Conservatório de Toulouse. Realizou um ano de estudos com Nina Vyroubova, sendo contratada como primeira bailarina da Ópera de Estrasburgo. Em seguida, ingressou na escola "Mudra" de Maurice Béjart, tendo tomado parte do grupo "Chandra" que teve origem nesta escola, com direção de Micha Van Hoecke. Colaborou também com Carolyn Carlson. Integrou o "Ballet do Século XX" de Maurice Béjart, onde interpretou diversos papéis. Em 1976, coreografou "Yu-ku-ri" para esta companhia. Em 1978, com Daniel Ambash, fundou sua própria Companhia, o "Ballet Théâtre de l'Arche" que em 1984 passou a chamar-se "Companhia Maguy Marin".

Em 1983 o Ministério da Cultura da França outorgou-lhe o "Grand Prix National" em coreografia e em 1986 recebeu a comenda de "Chevalier des Arts et des Lettres". Com crescente reputação, Maguy Marin tem sido freqüentemente solicitada para criar coreografias para Companhias de diversos países.

Após ter conquistado seus primeiros prêmios no Concurso Internacional de Coreografia de Nyon (1977) e de Bagnolet (1978), Maguy Marin fundou em 1978,

juntamente com Daniel Ambash o grupo que foi batizado inicialmente com o nome de "Ballet Théâtre de l'Arche". Desde então, com o apoio do Ministério da Cultura da França, a Companhia formou um extenso repertório, realizando tournées através da França e de outros países.

Desde 1981, o Grupo tem sua sede em Créteil sendo mantido pela Municipalidade desta cidade e pelo Conselho Geral de Val Marne. Suas apresentações são feitas na Maison das Artes de Créteil.

A Companhia Maguy Marin comemorou sua 200.<sup>a</sup> apresentação em maio de 1986, no Piccolo Teatro de Milan. A peça "May B", inspirada na obra de Samuel Beckett, permitiu que o grupo viesse a ter reconhecimento internacional.

Com um trabalho cada vez mais internacional, a Companhia já fez apresentações em diversos países, tais como Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Polônia, Espanha, Suécia, Suíça, Alemanha e Estados Unidos. Esta é a primeira vez que a Companhia Maguy Marin se apresenta em palcos brasileiros.



RHODIA. POR PRINCÍPIO,  
A QUALIDADE FINAL.

 **RHODIA**  
GRUPO RHÔNE-POULENC

**RHODIA**



NÓS QUEREMOS FAZER MAIS

Quando o cliente entra no Laboratório de Desenvolvimento e Aplicações da Rhodia, sabe que dali sairá com soluções de alta tecnologia, que tornarão seu produto ainda melhor e mais competitivo no mercado.

Isso acontece porque a preocupação da Rhodia com a qualidade de seus próprios produtos é tão grande quanto a que tem com a qualidade final dos produtos de seus clientes, a ponto disso ser uma verdadeira questão de princípios da Empresa e de todos que nela trabalham.


É uma preocupação que é sentida desde o primeiro contato com a área comercial da Rhodia. Nessa área, sempre se oferecem aos clientes

alternativas flexíveis e adequadas às necessidades de cada um.

Depois, essa mesma preocupação continua ao se apresentar aos clientes uma linha de matérias-primas que faz da Rhodia a fornecedora preferencial das mais importantes indústrias de medicamentos, tintas e vernizes, construção civil, informática, automobilística e outras.

Por isso, quando o sucesso de seu produto depender da utilização de matérias-primas como Intermediários Orgânicos, Solventes ou Intermediários Fibras e Plásticos, escolha Rhodia. E ganhe a parceria de uma das mais avançadas indústrias químicas da América Latina, do princípio ao fim.

Divisão Grandes Intermediários - Av. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Bloco B 7º andar - Tel.: 545-7640 - Caixa Postal 60561 - São Paulo, SP - CEP 05804.

A close-up portrait of an elderly man with glasses, wearing a white suit jacket, white shirt, and a patterned tie. The background is a warm, blurred bokeh of lights.

# 40 de Anos de Bienal



Fundação Bienal de São Paulo

**Francisco "Ciccillo"  
Matarazzo Sobrinho**  
(1898 - 1977)

**Um exemplo  
a ser seguido**



# Colgate Proteção Gengi-Dent. Enfim, a resposta certa para a proteção das gengivas.

Só mesmo a Colgate para lançar este verdadeiro marco na história da saúde bucal: Colgate Proteção Gengi-Dent. Enfim, toda a proteção às gengivas que, até hoje, nenhum creme dental foi capaz de oferecer. Sua fórmula exclusiva apresenta uma combinação de ingredientes ativos\* mesmo após a escovação, que penetram ao redor da linha da gengiva reduzindo a placa bacteriana, a principal



Estes são seus dentes...



Se você não cuidar bem de suas gengivas veja o que pode acontecer...



Colgate Proteção Gengi-Dent garante gengivas fortes e dentes saudáveis.

causadora de problemas bucais. **Isto representa 88% de redução de gengivites e 98% de redução de placa.** Uma fórmula testada internacionalmente que ainda apresenta

flúor, mantendo seus dentes protegidos também contra as cáries. Toda esta ação pre-

ventiva pode ser complementada com o uso da Solução Bucal Colgate Proteção Gengi-Dent. Consulte seu dentista.

\* DP-Triclosan: ingrediente ativo contra as bactérias da placa.  
Gantrez : prolonga a ação do Triclosan na boca.  
Flúor: combate as cáries.



Para maiores informações ligue ou escreva para o Centro de Atendimento Colgate-Palmolive. Telefone (011) 832.7077, fora de São Paulo ligue grátis (011) 800.7077. Caixa Postal 7202, São Paulo, SP.

**GENGIVAS FORTES.  
DENTES SAUDÁVEIS.**

## EDITORIAL

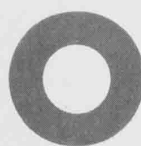
# A Bienal que vai marcar

**A** Bienal Internacional de São Paulo é o 2º maior evento de artes no mundo. Se levarmos em conta que a Bienal de São Paulo comemora, em sua próxima edição, 40 anos, podemos dizer que é um fato memorável. Um evento cultural deste porte sobreviver, todos esses anos, no Brasil, é um feito histórico, para não dizer um maravilhoso milagre. As 20 Bienais realizadas até hoje reuniram obras de valor inestimável. A média de participação estrangeira em todas as Bienais foi de 50 países, com, aproximadamente, 12 mil obras entre nacionais e internacionais. Inspirado na Bienal de Veneza, Francisco Matarazzo Sobrinho

idealizou a 1ª Bienal de Artes Plásticas, em 1951. Nesta ocasião, foi construído um pavilhão especial no belvedere do Parque Trianon, onde hoje se encontra o Masp. A 2ª e a 3ª Bienais foram realizadas no Pavilhão Manoel da Nóbrega, atual gabinete da Prefeitura. A partir da 4ª Bienal, foi ocupado o prédio atual. A importância real da Bienal Internacional de São Paulo começou junto com sua primeira edição, em 1951, onde compareceram artistas como Picasso, Di Cavalcanti, Brecheret, Chastel, Morandi, Aldemir Martins, Marcelo Grassmann, Max Bill, Ivan Serpa, Oswaldo Goeldi, Danilo Di Prete entre outros do mesmo calibre. Eu, pessoalmente, me sinto visceralmente ligado à Fundação Bienal. Através de relações familiares pude conviver com Ciccillo e compreender a grandeza de seu trabalho. Estou convencido de que todos nós somos passageiros, ocupantes circunstanciais e que devemos colaborar para o engrandecimento da Fundação Bienal de São Paulo. Ela é maior do que nós, ela permanece e pertence à cidade, ao estado, ao país, às Américas. E, na medida em que serve de união e reflexão das artes, é uma contribuição brasileira em escala internacional. A Bienal não é uma simples feira de artes. Ao contrário, a idéia é que a Bienal de São Paulo seja um centro gerador de cultura e arte e funcione como um detonador de todas as artes, transformando o seu evento principal, a mostra de artes plásticas, cada vez mais, num verdadeiro centro para um festival de artes. É fundamental que a cidade e o País sejam atingidos e emocionados pelo momento criativo e reflexivo que a Bienal proporciona. E, para isto, conto com a ajuda de todos vocês.

**Jorge Eduardo Stockler**

## DEDICAÇÃO E PERSEVERANÇA

40 anos  
inesquecíveis

Brasil é um país, não uma nação. Uma nação se faz com cultura, lazer e educação. O país Brasil não pode deixar de dar a importância devida à 21ª Bienal Internacional. Ela só é de São Paulo porque está sediada na capital paulista. Acima de tudo, ela é brasileira e se constitui na segunda mais importante mostra de arte contemporânea do mundo. Estes são conceitos defendidos pelo empresário e presidente da Fundação Bienal de São Paulo, Jorge Eduardo Stockler, uma pessoa que não admite falar na ausência da mostra para o próximo ano: "Só uma guerra justificaria o adiamento da Bienal", sentencia ele. Stockler acredita que, apesar de todas as dificuldades existentes, com muito esforço, vai superá-las e a Bienal Internacional se realizará. Dificuldades, segundo ele, são encontradas até mesmo na Bienal de Veneza, em um país com mais de 3.000 anos de cultura. O Brasil é um país de 490 anos e que teve sua primeira Bienal em 1951 - portanto, há 40 anos - numa iniciativa do empresário Francisco Matarazzo Sobrinho.

Em tão pouco tempo, destaca Stockler, o Brasil projetou-se internacionalmente através da Bienal. "As Bienais mexeram com as artes plásticas, com a arte em geral. Foi muito importante para aquela época como é hoje também", explica. Dentro de uma nova ordem econômica, Stockler afirma que a Bienal é diferente de outros pólos culturais que podem adaptar-se mais facilmente às circunstâncias. "A Bienal é como uma escada que vem sendo construída a cada realização dela. E não pode faltar nem regredir, porque senão perde o equilíbrio", observa Stockler.

**Empresariado**

"Se nós, brasileiros, não defendermos a Bienal, vamos perder essa posição, porque cidades como Osaka, Sidney, Havana e Los Angeles, por exemplo, realizam exposições importantes e com muita agilidade", alerta o presidente da Fundação. A fim de que o prestígio internacional da mostra consagre-se, uma vez mais, seu presidente acredita na decisiva participação do empresariado. Nas atuais circunstâncias, diz, o apoio das empresas é particularmente difícil: "Os empresários com quem tenho conversado reconhecem a necessidade em se apoiar a Bienal, mas pedem tempo porque agora estão com as atenções voltadas para seus próprios negócios. O plano de recuperação econômica do governo federal levou a iniciativa privada a repensar estratégias e planos". Stockler reconhece que a situação dos empresários, no atual momento, é difícil. Com o enxugamento da liquidez, observa, as empresas partem para a redução de seus investimentos em dois campos normalmente atingidos por essa retração: esportes e cultura.

**Congelamento**

O presidente lembra, ainda, que algumas empresas que apoiavam iniciativas culturais como festivais de músicas, por exemplo, deixaram de fazê-lo. Até mesmo doações de cunho





---

Num momento em que empresários mergulham fundo em seus negócios para superar as dificuldades econômicas, Jorge Stockler divide seu tempo entre sua empresa e a Presidência da Bienal. Desafio e trabalho em dobro.

---

assistencial acabam sofrendo com essa situação. “É claro que a empresa não corta a ajuda a instituições filantrópicas, mas pode até reduzi-las diante da escassez de dinheiro”.

No mundo inteiro, incluindo os países da chamada 1ª economia, existem problemas sociais, ressalta Stockler.

Cita Nova York e Amsterdã, que têm suas dificuldades de caráter social (em escalas diferentes), e sabe que seria utopia imaginar a solução de todos eles: “Nós torcemos e lutamos para minimizá-los.

Tanto aqui como lá fora”.

Independente desses problemas, Stockler afirma que não se pode abandonar o patrimônio histórico, por exemplo. Um dos recursos básicos para superar esses problemas é o emprego da criatividade. A Fundação Bienal não foge à regra, e sua própria história, sua projeção internacional já seriam credenciais mais do que suficientes para que o governo se sensibilizasse com a entidade.

As dificuldades de ordem econômica não tiram o entusiasmo da Diretoria da Bienal, segundo seu presidente. Ele acredita na sensibilidade da iniciativa privada e até de órgãos governamentais

para reverter a atual situação.

E não é só de sensibilidade e esperança que vivem as pessoas dedicadas à Fundação Bienal. Em tempos de vacas magras, a entidade recorre à criatividade a fim de gerir os recursos necessários para a realização da 21ª Bienal”.

A entidade está desenvolvendo uma série de projetos culturais para angariar dinheiro. “Estamos iniciando os trabalhos com a apresentação da companhia francesa de Ballet Maguy Marin, no Teatro Municipal de São Paulo. A iniciativa conta com total apoio de patronesses, além de diversas empresas, engajadas desde os primeiros instantes da realização da 21ª Bienal.

A Fundação enaltece esse trabalho voluntário, afirma seu presidente, ressaltando a importância dele na mobilização da sociedade em prol da Bienal. Assim como a Secretaria Municipal da Cultura, Stockler defende a popularização da mostra: “O mais importante, antes de mais nada, é levarmos a todos os cantos da cidade a informação sobre o que é a Bienal, seu significado, sua importância”.

---

## Conscientização

O presidente acrescenta que é fundamental conscientizar as pessoas do porquê que ela existe e os benefícios que traz à cidade, às pessoas e ao País. A proposta é endossada pela secretária municipal da Cultura, Marilena Chauí, que fala em socialização e popularização da cultura. Quando tomou posse no cargo de presidente da Fundação Bienal, Stockler procurou ser o mais democrático possível.

Tanto assim que deu todo apoio e deliberou poderes à Comissão Técnica de Arte da Bienal para implementar sua política. "Sempre houve polêmica nas realizações da Bienal, com ou sem os seus critérios habituais. O mais importante é encontrar na soma dos contrastes aquele sangue novo, aquilo que vitaliza. Tem gente que era contra, em 89, e hoje está aqui dentro, era contra, em 87, e hoje está aqui...". Stockler admite a crítica desde que ela seja construtiva.

As pessoas envolvidas com a Fundação, analisa seu presidente, são de alto grau cultural, viajadas, conhecem o mundo inteiro e têm intercâmbio com outras

fundações, instituições e órgãos culturais. Por isso elas sabem o que estão fazendo. A democratização das decisões tem contribuído para que a Bienal receba apoio de órgãos públicos. Jorge Stockler ressalta que a Prefeitura de São Paulo, através da Secretaria da Cultura, vem contribuindo para que a 21.<sup>a</sup> Bienal Internacional seja um grande marco comemorativo dos 40 anos de existência da instituição. Além das subvenções já feitas, a Secretaria da Cultura está planejando executar obras consideradas urgentes na estrutura do prédio onde funciona a Bienal. E não é só de dinheiro e obras o apoio municipal. Stockler anuncia uma série de eventos culturais importantes, que serão realizados paralelamente à Bienal Internacional. Serão concertos de música no Parque do Ibirapuera, exposições em bibliotecas e apresentações de peças teatrais em São Paulo. A caminhada até a realização da 21.<sup>a</sup> Bienal Internacional é dura, mas a Diretoria da Fundação está confiante no apoio tanto de órgãos públicos como, principalmente, da iniciativa privada.

# 40 de Anos de Bienal

**Com a sua ajuda, vamos  
comemorar a mais importante  
mostra de arte do país**



Fundação Bienal de São Paulo

# Os Hóspedes Do Maksoud Plaza Nunca Saem Do Hotel Para Comer Fora.

Eles se encontram no **Atrium Lobby Bar**.

Para provar os mais deliciosos aperitivos e coquetéis.

Ou vão ao **Batidas e Petiscos**.

Para curtir um bar tipicamente brasileiro e ouvir chorinho ao vivo.

Ou freqüentam a happy hour do **Trianon Piano Bar**.

Onde o segundo drinque é sempre cortesia da casa. Das 18 às 19 horas.

Ou, a toda hora, vão ao **Café Brasserie Belavista**.

Que serve especialidades da cozinha brasileira e internacional.

A qualquer hora do dia ou da noite, com menu completo. Nunca fecha.

O chá da tarde, com música de câmara ao vivo, é servido das 15 às 18 horas.

Ou vão à **Pizzeria Belavista**.

Onde são servidas as mais saborosas pizzas da cidade. Nunca fecha.

Ou preferem o **The Seafood Mezzanino**.

Para provar os mais apetitosos frutos do mar e rios, preparados na chapa ou na grelha.

Ou as deliciosas especialidades japonesas.

Ou insistem em ir ao **Arlanza Grill**.

Que serve somente carnes especiais, selecionadas segundo as rigorosas

Especificações de Qualidade Maksoud Plaza.

Ou fazem questão de ir ao **Vikings**.

Para saborear o verdadeiro Smorgasbord, típico buffet escandinavo. Único no Brasil.

Ou escolhem o **La Cuisine du Soleil**.

Para conhecer as especialidades da cozinha franco-brasileira, criadas por seus talentosos chefs.

E ouvir suave música de cravo e violão ao vivo.

E, sempre, coroam a noite com romance no **150 Night Club**.

Onde dançam ou assistem ao show ininterrupto da exclusiva Banda 150.

E ceiam com a inigualável cozinha do La Cuisine du Soleil.



MAKSOUZ PLAZA

SÃO PAULO

Alameda Campinas, 150 - Tel.: 251-2233

one of *The Leading Hotels of the World*

## APOIO OFICIAL

# A proposta da participação popular

No dia 2 de janeiro de 1989, quando assumiu a Secretaria Municipal da Cultura, Marilena de Souza Chauí resumiu, em seu discurso de posse, as linhas principais de sua gestão frente ao órgão. A proposta fundamental da secretária torna-se cada vez mais concreta: a participação popular nas discussões relativas à cultura em São Paulo.

Em todos os projetos que começaram a ser desenvolvidos pela secretária Marilena Chauí, os temas foram amplamente discutidos. Inclui-se na lista de trabalhos desenvolvidos pela Secretaria da Cultura o apoio do Município à Fundação Bienal. Segundo Marilena Chauí, esse apoio não se fez presente em 1989.

Ela explicou que a Diretoria anterior da Fundação não havia prestado contas de sua gestão. Tal fato implicou na ausência da subvenção municipal

regulamentada em lei. A situação foi normalizada com a posse da nova Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo. Mas a Secretaria Municipal da Cultura reconheceu a necessidade de apoiar a entidade acima dos padrões estabelecidos em lei.

O aval de Marilena foi além. Convidada a integrar a nova Diretoria da Fundação, a secretária aceitou o convite formulado pelo presidente da entidade, Jorge Eduardo Stockler, e assumiu a 2ª vice-Presidência. A defasagem de valores, provocada pela inflação e não corrigida em lei, levou Marilena a estudar meios de compensar as perdas, pois a dotação da Prefeitura à Fundação não seria adequada às mínimas necessidades. A primeira medida, depois de constatar a regularidade das contas apresentadas, foi a doação de Cr\$ 20 milhões. A verba foi vinculada a um projeto aprovado pelo presidente da entidade, Jorge Eduardo Stockler. A secretária Marilena Chauí espera também que a iniciativa privada dê uma contribuição maior para a realização da 21ª Bienal Internacional.

## Envolvimento artístico

A Fundação vai necessitar cada vez mais desse apoio, principalmente a partir de 1991. Na reestruturação feita pela prefeita Luíza Erundina, a Secretaria da Cultura determinou que as instalações da Bienal não mais abrigassem feiras e exposições dos setores industrial e comercial. O prédio, pertencente à Prefeitura, constituía-se numa das principais fontes de recursos para manutenção da entidade. A partir de 1992, o imóvel do Parque do Ibirapuera sediará apenas eventos culturais. As feiras e outras mostras que aconteciam na Bienal serão transferidas para o Parque Anhembi. No intuito de colaborar com a Fundação, a secretária da Cultura apresentou proposta à Câmara Municipal de São Paulo. Ela pretende firmar um novo convênio com a Bienal. O objetivo é ampliar a verba prevista em lei para a entidade.



Marilena: importante incentivar a participação do público para aumentar entre ele o gosto e o interesse pelas artes. O público gosta disso, e o papel dos órgãos públicos é oferecer opções.

O projeto tramita pela Câmara e pode ser aprovado ainda neste ano, permitindo uma injeção de mais Cr\$ 20 milhões para a realização da 21.<sup>a</sup> Bienal Internacional. A secretária Marilena Chauí reconhece a importância da mostra para o desenvolvimento das artes plásticas no Brasil: “Ela é uma excelente oportunidade, sobretudo para jovens artistas que não podem viajar, e também para o grande público, que só tem esse meio de acesso ao que se faz em arte no mundo”.

A secretária, na realidade, pensa como o fundador da Bienal, Francisco Matarazzo Sobrinho, quando se propôs a criar a mostra. Marilena está preocupada com o envolvimento cada vez maior de pessoas com a arte. A linha mestra de sua administração frente à Cultura é desmistificar o conceito segundo o qual “quem gosta de arte é apenas uma elite”.

### Restaurações

Há muito tempo Marilena Chauí tem demonstrado interesse pela Bienal. Em 1955, bem antes de imaginar que um dia assumiria um cargo de tal importância, ela começou a visitar a Bienal. Ainda criança, teve contato com obras de mestres como Cândido Portinari e Lasar Segall, que expunham alguns de seus trabalhos na 3.<sup>a</sup> Bienal Internacional.

O tempo passou e Marilena Chauí

tornou-se secretária da Cultura. Uma de suas primeiras ações em relação à Fundação foi iniciar uma série de obras para restauração do prédio do Parque Ibirapuera. Ela considerava inadequadas as condições do imóvel. A assessoria da secretária fez um levantamento dos serviços considerados mais urgentes.

As reformas feitas pela Prefeitura fazem parte de um grande elenco de restaurações que estão sendo desenvolvidas pela Secretaria da Cultura. Entre elas estão: a reforma da cúpula do Teatro Municipal e a recuperação de todo o acervo fotográfico de São Paulo, visando a preservação da memória da cidade. Em vários projetos, a Prefeitura tem contado com a iniciativa privada.

Empresas como a Sharp, Bradesco, Fasano e o Hotel Crowne Plaza, entre outras, têm contribuído nas atividades culturais do Município. Na condição de 2.<sup>a</sup> vice-presidente da Fundação Bienal, ela acredita no apoio empresarial para a realização da 21.<sup>a</sup> Bienal Internacional.

Ela observa que, pela natureza da mostra, bem como pelos seus 40 anos de existência, a Bienal deverá contar com a contribuição das empresas. Marilena admite que os recursos disponíveis pela Prefeitura não são suficientes para garantir a realização da Bienal, em 1991. A união dos empresários e da sociedade em geral é fundamental para a Fundação. Nesse sentido, a Secretaria da Cultura está procurando viabilizar junto com a Fundação Bienal um esquema que permita o patrocínio efetivo das empresas. Basicamente, seria a colocação de cartazes em vários pontos da cidade, explicando o que é a Bienal, sua importância e sua contribuição para a cidade e para o País.

A idéia não é limitar a colocação das marcas das empresas apenas na sede da Fundação, mas espalhá-las por São Paulo, mostrando a efetiva contribuição dada à mostra. Os outdoors também poderão levar mensagens sobre o calendário de eventos (programados para arrecadar fundos) e, ainda, as atividades que estarão acontecendo paralelamente à 21.<sup>a</sup> Bienal Internacional.

## GARIMPANDO TALENTOS

# A arte de fazer uma Bienal

**U**ma Bienal é feita de muitas cabeças que pensam arte 24 horas por dia, durante dois anos inteiros, para que, ao final, se apresente ao público a melhor expressão da arte do mundo. Fazer a Bienal é um trabalho que envolve uma soma de esforços muito grande, mas que também necessita de algumas figuras individuais, como jurados e curadores. O curador, responsável pelo conceito da exposição, é uma figura que tem grande responsabilidade junto a uma mostra de arte. Fica incumbido de definir a linha cultural que será vista pelo público. Para essa 21.<sup>a</sup> Bienal Internacional de São Paulo, a Fundação nomeou como curador geral o crítico de arte Jacob Klintowitz. Ele deverá se inteirar dos focos culturais brasileiros e estrangeiros, com o objetivo de selecionar as obras de arte que irão compor o evento. Jacob Klintowitz terá como

responsabilidade cuidar da organização da versão que comemorará os 40 anos desse evento tão significativo para a arte nacional e internacional.

Para tanto, ele conta com um novo regulamento que gerou expectativas no mercado das artes. Tradicionalmente, a Bienal era composta de obras de artistas convidados pelos curadores, que se baseavam em um tema definido pelo regulamento.

De acordo com o novo regulamento, os artistas que desejarem ver suas obras ganhando vida, expostas na Bienal, deverão se inscrever junto à Fundação. Após a inscrição das obras, um júri altamente especializado escolherá aquelas que deverão participar da Bienal. O sistema funcionará quase que como um concurso, em razão da triagem pela qual as obras passarão. O objetivo desse novo regulamento é o de reunir o maior acervo de obras possível, para que, ao final, sejam escolhidas aquelas que realmente expressem as tendências atuais do mundo das artes tanto no âmbito nacional quanto no internacional. Para esta 21.<sup>a</sup> Bienal, Jacob está esperando muita coisa nova. De acordo com ele, será pelo menos instigante organizar uma exposição, onde poderá aparecer de tudo, “desde o trabalho mais simples até o mais inesperado”, explica.

“Irão aparecer, com toda a certeza, obras imprevistas de artistas igualmente imprevistos, e é isso o que irá fazer dessa Bienal um marco para as próximas mostras do Brasil. Através dela, poder-se-á identificar a tendência real da arte nacional”, completa. Ele diz que a sua preocupação principal, enquanto curador geral, é de que a arte apresente coisas novas. “Estamos criando um repertório totalmente novo e este poderá vir de artistas consagrados, assim como de jovens talentos, e é exatamente isso que nós queremos descobrir, ou seja, precisamos saber como vai a arte no Brasil”, argumenta.

Uma outra novidade no regulamento da Bienal é a que diz respeito à ausência de tema para a exposição, o que norteia a linha artística das obras



participantes. De acordo com Jacob, não haverá tema e sim uma tendência que deverá dar a tônica da Bienal. A exposição irá girar em torno das relações do homem, no final do milênio, com a natureza, com seu trabalho e com o mundo como um todo. Será uma identificação do estado onde o homem se encontra, às portas do século XXI.

“Dessa forma, o resultado final será uma Bienal pluralista, de tendências diversificadas e de pontos de vista divergentes”, afirma Jacob. Segundo ele, esta não será uma exposição hegemônica, justamente por seu caráter de tendência e não de tema. “O leque se abre e a visão da arte moderna atual será muito mais ampla”, complementa.

A qualidade das obras expostas será primordial em razão da premiação. Neste ano, serão distribuídos prêmios em dinheiro, ao invés do tradicional prêmio simbólico. A outra novidade é que as artes cênicas concorrerão aos prêmios ao lado das artes visuais, coisa que nunca aconteceu antes.

No entender de Jacob, não haverá nenhum problema quanto a isso, porque as artes são interpenetrantes, o que possibilita a comparação. “Existe um grupo de jurados muito bem preparados para fazer a comparação das diversas técnicas e avaliar a qualidade do que é bom ou não, independente do tipo de arte”, explica.

O curador afirma que as inscrições estão ocorrendo em um ritmo normal, apesar das dificuldades impostas a todos através do plano econômico. Isso só prova que esta 21ª Bienal será um sucesso e, ainda, que o novo regulamento foi aprovado pelo mundo artístico, o qual vem aderindo ao evento sem nenhum receio. Ao contrário, todos estão ansiosos pelo resultado, diferente do que se fez até então.

Além de procurar no Brasil a mais pura expressão da arte atual, Jacob percorrerá o mundo atrás das tendências mais modernas, das faces mais expressivas e das principais novidades da arte internacional.

---

Jacob Klintonowitz, curador geral de artes plásticas, pretende fazer desta Bienal uma mostra aberta a todas as tendências, privilegiando o que de mais instigante está acontecendo nas artes.

---

## CRITÉRIO E SELEÇÃO

# Valorizando as artes cênicas

Já são tradicionais, na Bienal Internacional de São Paulo, a mostra de artes cênicas e a programação de eventos como seminários e cursos ligados ao tema da exposição. A diferença desta 21ª Bienal é que estes eventos terão uma participação mais intensa do que antes, ganhando uma maior importância dentro da mostra. João Cândido Galvão, curador de artes cênicas e eventos, diz que os espetáculos e seminários terão nessa Bienal o mesmo peso que as artes visuais, tanto que concorrerão aos prêmios em dinheiro a

serem concedidos. João Cândido afirma que vem trabalhando desde março para detectar o que de melhor está acontecendo no Brasil e no mundo em termos de artes e espetáculos. Da mesma forma que as artes visuais, as artes cênicas não terão tema, e a atenção será para quem produz a arte. “Esta Bienal não quer impor nada, pois as artes andam mais rápido do que os críticos. Assim, poderemos detectar as tendências reais e atuais das artes cênicas”, completa. O principal caráter desta Bienal será o de abrir espaço para pessoas que ainda não apareceram no circuito, mas que também fazem coisas muito boas.

“De tudo que for inscrito nesta Bienal, uma comissão técnica de arte irá detectar as linhas mais fortes, selecionar os melhores e fazer a mostra com os que se destacarem”, afirma João.

João Cândido já está na Europa se integrando no circuito das artes cênicas e observando o que de melhor está acontecendo agora. Por isso mesmo, ele ainda não tem nada definido para esta Bienal.

“Idéias nós temos, mas nada pode ser adiantado, pois depende do que será acertado e depende ainda da resolução dos jurados”, diz ele.

Dentro da proposta geral que é a de discutir a posição do homem no mundo, serão apresentados espetáculos nacionais e internacionais de teatro, de dança e de música. Previsto, apenas um seminário ministrado por críticos de teatro nacionais e internacionais sobre a relação entre as artes plásticas e cênicas. “Ainda não existem nomes confirmados para as palestras, mas é certo que estas serão ministradas por críticos nacionais e internacionais extremamente renomados”, completa João.

---

João Cândido Galvão, curador de artes cênicas e espetáculos, valoriza os eventos da Bienal fazendo com que eles alcancem o mesmo patamar de importância que as artes visuais.

---





# A NATUREZA CRIA OS METAIS, A MADEIRA, OS MINÉRIOS E ELEMENTOS QUÍMICOS.

## MADEIRA

- Forros
- Chapas
- Painéis
- Portas
- Batentes
- Divisórias



## QUÍMICA

- Colofônia e resinas derivadas
- Tintas
- Vernizes
- Seladora para madeira
- Óleo de pinho
- Terpenos aromáticos



# A EUCATEX TRANSFORMA ESSES MATERIAIS EM MAIS DE 3.000 PRODUTOS E

## METÁLICOS

- Telhas
- Perfis para sustentação de forros e divisórias
- Gavetas
- Portas corta-fogo
- Batentes
- Fachadas metálicas
- Forros metálicos



## MINERAIS

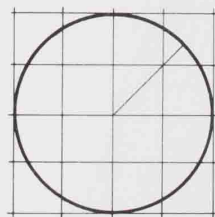
- Vermiculita expandida para indústria e construção civil
- Argamassas à base de vermiculita expandida
- Produtos corta-fogo para revestimento de estruturas metálicas
- Isolantes à base de lã de vidro e lã de rocha
- Sistema de formação de mudas - substratos e bandejas
- Vermiculita expandida para condicionamento de solos
- Fertilizantes e substratos para jardinagem
- Filtrantes industriais
- Isolamento criogênico, densificante escorificante



# SERVIÇOS QUE MELHORAM O CONFORTO E A QUALIDADE DE VIDA, NO BRASIL E

## FLORESTAIS

- Madeiras de eucalipto e pinus
- Goma resina
- Mudas florestais



## ENGENHARIA

- Engenharia, planejamento e execução de sistemas integrados para obras industriais, comerciais e habitacionais

# NO MUNDO. PORQUE ELA TRABALHA PARA INTEGRAR O AMBIENTE AO HOMEM.

## TRADING

- Exportação e importação de produtos Eucatex e de terceiros para mais de 60 países



  
grupo  
**eucatex**  
INTEGRANDO O AMBIENTE  
AO HOMEM.

## GRUPO EUCATEX

Escritório Central:  
Av. Francisco Matarazzo, 584/612 - SP  
Tel.: (011) 823-2233 (PABX)  
Telex (11) 22352 - 23154 ETEX BR

40 ANOS DE ARTE

# A história nasceu de um sonho

---

Através dos tempos,  
a Bienal se constituiu numa  
verdadeira passarela de  
personalidades, como o  
presidente Getúlio Vargas, que  
abriu um dos eventos com  
Ciccillo Matarazzo.

---



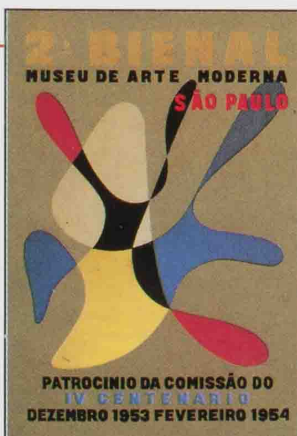


A sede, inaugurada na metade da década de 50, assistiu à evolução dos tempos. Hoje, os grandes e resistentes modelos de automóvel da época são apenas saudade.

## Um sucesso brasileiro

■ O sonho da Bienal de São Paulo começou muito longe, a milhares de quilômetros, na encantadora Veneza. Ele povoava a cabeça do então jovem migrante Francisco Matarazzo Sobrinho, aqui no Brasil chamado carinhosamente de “Ciccillo”. Inspirado na feira de artes plásticas realizada na Itália, o incansável “Ciccillo” conseguiu transformar seu sonho em realidade há quase 40 anos, quando São Paulo era apenas um projeto de metrópole, com seus dois milhões de habitantes. Era a grande oportunidade para que os artistas brasileiros comessem a ter contato com a arte contemporânea mundial, projetando-se no cenário artístico internacional. Antes de aportar no atual pavilhão Armando de Arruda Pereira, no Ibirapuera, a Bienal passou por dois outros endereços. A primeira foi realizada no belvedere especialmente

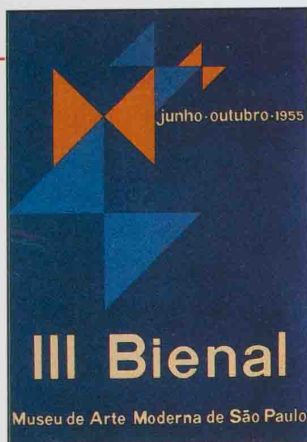
construído no Parque Trianon, que hoje abriga o Museu de Arte de São Paulo-MASP. As duas seguintes aconteceram no pavilhão Manoel de Nóbrega, atual gabinete da Prefeitura paulistana. O pavilhão Armando de Arruda Pereira, hoje internacionalmente conhecido como pavilhão da Bienal, teve, em seu projeto de construção, os dedos dos mais famosos arquitetos brasileiros da época, entre eles Hélio Uchôa e Oscar Niemeyer. O primeiro evento, em 1951, reuniu nada menos que 1.800 obras dos mais renomados artistas, como Picasso, Chastel, Morandi, Couturier, Léger e Giacometti, entre os internacionais, lançando também no mundo das artes os brasileiros Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Portinari, Tarsila do Amaral, Segall, Brecheret e Bruno Giorgi, entre outros.



## Em ritmo quatrocentão

■ A segunda versão da Bienal, em 1953, acabou por puxar a fila dos eventos relativos ao IV Centenário de São Paulo, comemorado no ano seguinte. Assim, na esteira da festa, a mostra não só dobrou o número de países e obras participantes (foram cerca de quatro mil trabalhos de 41 diferentes nações), como também contou com a contribuição de 75 museus e 313 galerias estrangeiras de arte. Em meio à sua realização, promoveu-se paralelamente o Concurso

Internacional para Escolas de Arquitetura, além das exposições “Elyseu Visconti”, “A paisagem brasileira até 1900”, “Cubismo” e “Futurismo”. Ainda como novidade, a 2ª Bienal apresentou salas especiais de artistas consagrados, como Picasso, de quem o público pôde conhecer ao vivo o seu famoso “Guernica”. O grande prêmio internacional naquele ano coube a Henri Laurens, enquanto os destaques da pintura brasileira foram Rissoni, Geraldo de Barros, Ivan Serpa e Wolney.



## 55, a estabilidade

■ Em 1955, na sua terceira edição, a Bienal já era um evento reconhecido e estabilizado. O número de países participantes (36) e de obras expostas (2.700), demonstravam o interesse do mundo inteiro com relação ao evento. Naquela oportunidade, foram apresentadas mostras paralelas retrospectivas de artistas nacionais como Cândido Portinari e Lasar Segall,

e dos estrangeiros Max Bechmann, Wilhelm Thony e André Derain. O grande prêmio internacional ficou com Fernando Léger, em pintura; L. Mirko, em escultura; M. Kubin, em desenho; e I. Steinhardt, em gravura. No setor nacional, os prêmios foram concedidos a Milton da Costa, Maria Martins, Aldemir Martins, Carybé e Marcello Grassmann.

## Casa nova

■ A 4ª Bienal, realizada em 57, marcou a inauguração da sede da fundação, no pavilhão Armando de Arruda Pereira, Ibirapuera, onde se encontra até hoje. Cerca de três mil obras, de 48 países, formaram a mostra que ganhava cada vez mais público e despertava maior interesse, principalmente pelos eventos paralelos que aconteciam, mostrando as novidades do mundo da arte. Uma exposição sob o tema “Quatro mil anos de vidro” arrebatou não só o público aficionado, como também a população em geral, que foi conhecer a evolução da história dessa matéria-prima, desde sua fabricação rústica pelos fenícios até



o final da década de 50. Salas especiais foram montadas com obras dos artistas nacionais Lasar Segall e Brecheret, e dos internacionais Morandi, Ribera, Chagall e Jackson Pollock. Giorgio Morandi, por sinal, foi o vencedor do Grande Prêmio Internacional de Pintura junto com Ben Nicholson, ficando o prêmio de desenho para Jorge Oteiza e de gravura para Yoso Hamagushi. Entre os brasileiros, Franz Kracjerg recebeu o prêmio de pintura com Fernando Lemos; Faiga Ostrower, de gravura; Wega Neri, o de desenho; e Franz Weismann, de escultura.



Pavilhão da Bienal, ponto de encontro dos admiradores das artes e empresários que incentivam a realização dos eventos que elevam o nome do Brasil.



"Guernica", de Pablo Picasso, uma das maiores atrações da Bienal em todos os tempos. A integração do povo brasileiro com um dos mais importantes artistas contemporâneos.

## Cinema e Teatro

■ Bienal do Teatro e Festival Internacional de Cinema Francês foram os eventos paralelos que marcaram a realização da 5ª Bienal, em 1959. Na parte do teatro, houve montagem das salas especiais da Alemanha e dos Estados Unidos; nesta última, inclusive, com uma exposição dedicada a Eugene O'Neil. O Festival de Cinema, por sua vez, teve promoção conjunta da Cinemateca Brasileira, que patrocinou a projeção de 160 filmes. Mais de quatro mil obras de 45 países compuseram essa Bienal, que apresentou também salas especiais sobre o "Expressionismo Alemão", "Quatro séculos de gravura", da França, e "Ujiko-E", do Japão, com

quadros dos séculos XVII e XVIII. Além disso, houve uma mostra com obras de Van Gogh, possível graças à iniciativa do museu holandês Kroller-Muller. Ganhando corpo, a 5ª Bienal teve ainda salas especiais de arquitetura, dedicadas a Gaudi e Van Velde, e de paisagismo, do arquiteto brasileiro Burle Marx. Manabu Mabe ganhou a premiação nacional de pintura; Artur Luiz Piza, de gravura; e Marcello Grassman repetiu o feito em desenho. O Grande Prêmio Internacional de Pintura foi dado a Modesto Cuixart; de escultura, a Francesco Somaini; de gravura, a Riko Debenjack; e de desenho, a José Luiz Cuevas.

**5ª BIENAL  
DE S. PAULO**  
SETEMBRO - DEZEMBRO  
1959 - P. IBIRAPUEVA



6ª bienal são paulo museu de arte moderna  
parque ibirapuera setembro e dezembro 1960

## Cortina de Ferro

■ A Bienal completava dez anos, em 1961, quando ocorreu a estréia de países como Austrália, Costa do Marfim, Nigéria e de nações da chamada "Cortina de Ferro", como União Soviética, Hungria, Bulgária e Romênia. No total, a 6ª Bienal reuniu 4.600 obras de mais de mil artistas, o que exigiu, além do seu pavilhão tradicional, a utilização de um espaço anexo de dois mil metros quadrados, onde se promoveu uma exposição internacional de arquitetura, com a participação de 202 trabalhos de dezenove países.

Além dos eventos paralelos tradicionais e das salas especiais, realizou-se, naquele ano, a 1ª Bienal do Livro e das Artes Gráficas. Maria Helena Vieira ficou com o Grande Prêmio Internacional de Pintura junto com Yoshishige Saito, enquanto Alicia Penalba foi agraciada com o prêmio de escultura. Leonard Baskin, em gravura, e Tadeu Kulislewicz, em desenho, também foram premiados. Entre os brasileiros, Iberê Camargo ficou com o prêmio de pintura; Lygia Clark, de escultura; Anatol Wladyslaw, de desenho; e Isabel Pons, de gravura.

Bienal, a cada abertura, a presença das mais altas autoridades municipais, estaduais e federais, reconhecendo a importância do evento no cenário nacional e internacional.

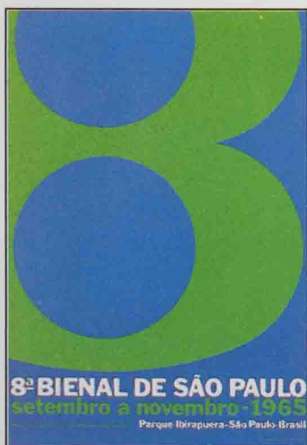


## A marca dos cinco mil

■ Artistas de 56 países proporcionaram à Bienal, em sua sétima versão, realizada em 1963, atingir a marca dos cinco mil obras. Nesse ano, também houve a estréia de países representando a África, América Central, Oriente Médio e Ásia, como Senegal, Trinidad Tobago, Irã, Síria, Taiti e Coréia. Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Flávio de Carvalho, Franz Krajberg, Mabe e Wega foram os artistas nacionais que mereceram salas especiais, enquanto as internacionais foram dedicadas a Emil



Nolde, da Alemanha; Escola Kokaschka, da Áustria; Geer Van Velde, da Holanda; à arte colonial boliviana e à arte popular grega. Yolanda Mohalry foi a pintora brasileira premiada; Felícia Leirner ficou com o prêmio de escultura; Roberto Delamônica, de gravura; e Darel Valença, de desenho. Na seção internacional, os prêmios foram para Adolf Gotlieb e Alan Davie, pintura; Arnaldo Pomodoro, escultura; César Olmos, gravura; e Sonderborg, desenho.



## Exposição de jóias

■ O pioneirismo nas artes levou a 8ª Bienal, em 65, a promover, pela primeira vez, uma exposição de jóias, além de mostra de artes plásticas. Com número igual de obras da anterior, cerca de cinco mil, de 55 países, essa Bienal promoveu a estréia de Nova Zelândia e Filipinas, aglutinando, então, nações dos cinco continentes. Apesar das novidades, não perderam espaço as atividades relativas ao teatro, arquitetura, livros e artes gráficas. Salas especiais foram montadas para Cícero Dias, Felícia Leirner e Franz Weismann, entre os brasileiros, e para

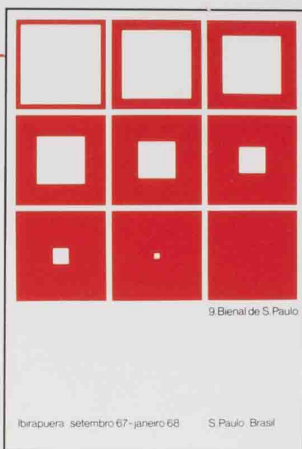
Maximiliano Feuring, da Austrália; Marina e Nilda Nuñez de Prado, da Bolívia; e Lin Shen Yang, da China, entre os internacionais. Alberto Burri e Victor Vasarely, pintores; Kumi Sugai, com gravura; Janez Bernik, com escultura; Marta Colvin e Joan Ponc, com desenho, foram os artistas destacados com grandes prêmios internacionais. Danilo Di Prete, premiado em pintura, puxou a fila nacional, seguindo-se de Sérgio Camargo, escultura; Maria Bonomi, gravura; e Fernando Odrioloza, desenho.

## Ciência e Humanismo

■ Com oito mil obras, a 9ª Bienal batia seu recorde, em 67, mostrando os trabalhos de artistas de sessenta países, entre os quais dos estreantes Etiópia, Líbano, Barbados, República do Sudão e Tailândia.

No campo das novidades, o evento apresentou paralelamente a 1ª Bienal de Ciência e Humanismo, promovida em pavilhão anexo, onde se mostraram vários tipos de raio laser, pesquisas submarinas e filmes de exploração científica.

A fotografia também ganhou seu espaço na nona versão da Bienal, reunindo trabalhos de profissionais brasileiros e de quinze outros países, assim como o Cinema Novo, cuja I Mostra Internacional, realizada no Cine Belas Artes, contou com a projeção de obras de treze países. O Grande Prêmio Internacional foi entregue ao inglês Richard Smith, enquanto Alejandro Obregón, da Colômbia, ficou com o então recém-criado Grande Prêmio Latino-Americano.



O senador Magalhães Pinto e o governador Abreu Sodré, o apoio constante dos dirigentes políticos ao segundo evento de artes mais importante do mundo.

## Selos e tapeçaria

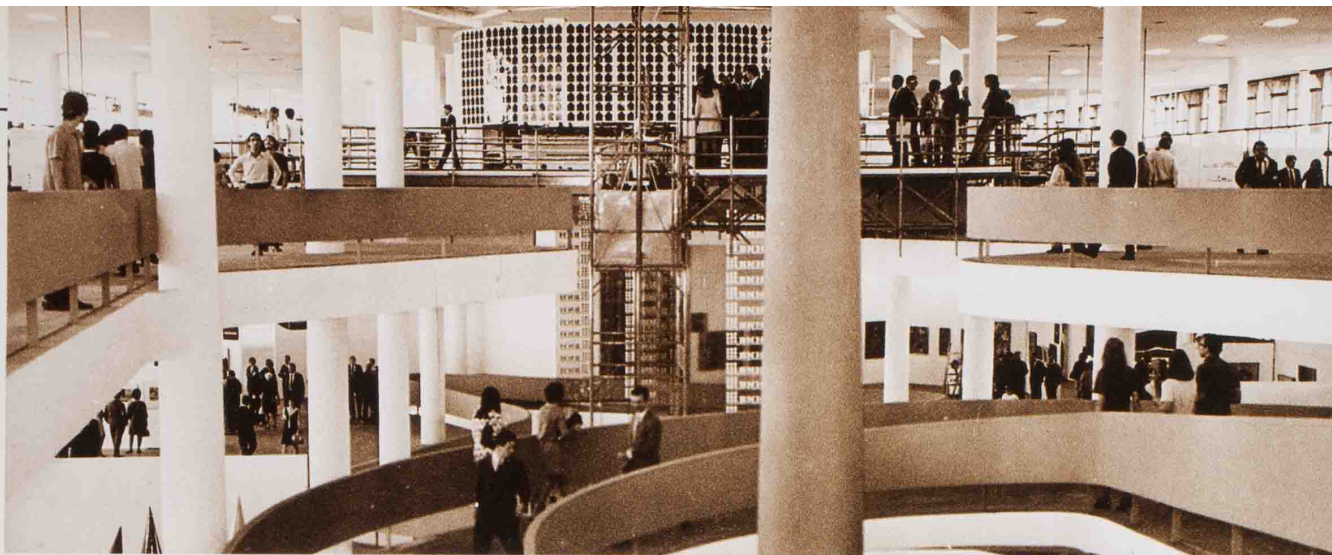
■ Di Cavalcanti, Di Prete, Aldemir Martins e Felícia Leirner foram os artistas escolhidos para emprestar obras reproduzidas nos quatro selos comemorativos da 10ª Bienal, a última da década de 60, realizada no ano de 1969.

O número de obras subiu para dez mil, de 55 países, promovendo-se a estréia no evento de nações como Chipre, Malásia e Tunísia. Como novidade, a 10ª Bienal apresentou uma seleção de tapeçarias francesas, salas de Novos Valores, Arte Mágica, Fantástica e Surrealista.

No campo da arquitetura, promoveu-se novamente o concurso internacional de escolas de arquitetura, com salas mostrando conjuntos residenciais da América Latina, além de cidades universitárias construídas nas duas últimas décadas.

O alemão Erick Hausen ficou com o Grande Prêmio Internacional, enquanto os prêmios Bienal de São Paulo foram dedicados a Ernst Fuchs, da Áustria; Eduardo Ramirez, da Colômbia; Marcelo Bonevardi, da Argentina; Antony Caro, da Inglaterra; Waldemar Zyerzy, da Polônia; Robert Murray, do Canadá; Jiri Kolar, da Tchecoslováquia; e Hebert Distel, da Suíça.





Estilo moderno e arrojado para a época, o prédio não perdeu sua magnitude com o passar do tempo. Até hoje, os visitantes percorrem sua área admirando a arquitetura.

## 20 anos de Bienal

■ A cada ano aumentava o número de obras. Daquela vez, quando a Bienal completava seu 20º aniversário, foram doze mil, embora o número de países, 55, permanecesse o mesmo da anterior.

Nem assim, entretanto, o evento deixou de apresentar trabalhos de nações com menor tradição nas artes, promovendo a estréia de países como o Quênia, Guiana e Santa Lúcia.

Uma reflexão sobre os vinte anos do evento foi possível através da montagem de salas apresentando uma retrospectiva de artistas premiados em Bienais passadas.



A 2ª Mesa Redonda Internacional de Críticos de Arte permitiu que, mais uma vez, fossem discutidos e analisados temas como “A arte e a comunicação” ou “A arte e a tecnologia”. O grande premiado da 11ª Bienal foi o espanhol Rafael Canogar, enquanto o italiano Giuseppe Capogrossi levou para a Europa o prêmio “20 anos de Bienal”.

Luiz Diaz Aldana, da Guatemala, recebeu o Grande Prêmio Latino-Americano, e o brasileiro Paulo Roberto Leal representou o País entre os agraciados com o Prêmio Bienal de São Paulo.

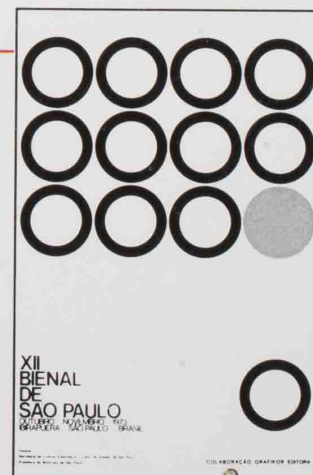
## Era da Informática

■ A utilização da computação eletrônica na produção de um audiovisual marcou a 12ª Bienal, em 1973. Era a primeira vez que isso ocorria, conciliando, assim, as artes com a Era da Informática, que dava seus primeiros e decisivos passos. Cerca de cinquenta países foram representados por quinhentos artistas e suas quinze mil obras. O binômio Arte-Comunicação já estava consagrado no evento, e sua discussão conquistava cada vez maior espaço.

O Brasil já possuía uma história nas

artes a ponto de se permitir homenagear grandes nomes premiados anteriormente. Em salas especiais, foram apresentados trabalhos de Tarsila do Amaral, Maria Martins e Flávio de Carvalho.

A 12ª Bienal inovou também mostrando trabalhos ligados ao teatro ao apresentar obras de 29 artistas relacionadas à cenografia e figurinos. O Grande Prêmio daquele ano foi para a Bélgica, pelas mãos do artista Jean Michel Folon. O recém-instituído Prêmio Santos Dumont ficou com o brasileiro Armando Sendin.





# Abela.

CINE-A



# A fera.

A Yashica Motor-J é linda, concorda?

E esconde uma verdadeira fera atrás de seu contorno suave e design avançado.

Ela é bifocal. Capta as imagens mais distantes com seu foco infinito, ou faz fotos mais de perto com uma simples regulagem.

Se a luz não é suficiente, ela avisa que é hora de acionar o flash, e ainda avança o filme automaticamente após cada clic.

Terminou o filme? Basta um toque e ele é rebobinado sozinho.

Com uma Yashica Motor-J na mão, você também vira uma fera em fotografia.

**YASHICA**  
MOTOR-**j**.

Bonita por fora. Avançada por dentro.

---

A cada versão da Bienal, o interesse do público aumentava, assim como ampliava seu conhecimento das artes. As realizações paralelas também sempre atraíram a população.

---



## A iniciativa privada

■ O ano de 1975, na realização da 13ª Bienal, marcou a entrada decisiva da iniciativa privada no apoio ao evento. O Prêmio Indústrias Villares, instituído como mais um incentivo às artes, teve como vencedor o artista japonês Katushiro Yamaguchi. Aliás, a décima terceira edição do evento contou com outras premiações além das oficiais. Jorge Paes Vilaró, do Uruguai, por exemplo, voltou para casa com o Prêmio Wanda Svevo, de gravura, destinado a artistas latino-americanos. O Grande Prêmio Internacional Armando de Arruda Pereira de Gravura ficou com o

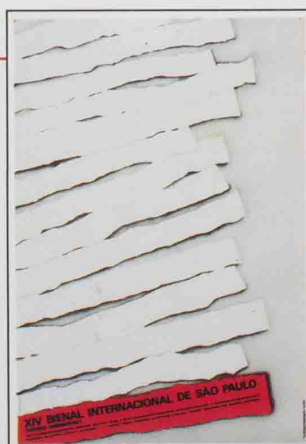
italiano Michelangelo Pistoletto. Os governos municipal e estadual de São Paulo também patrocinaram premiações, vencidas por dois brasileiros: Evandro Carlos Jardim (Prêmio Governador do Estado) e Ivan Freitas (Prêmio Prefeitura do Município de São Paulo). Enquanto o Prêmio Internacional era dividido por uma série de artistas, Jagoda Buic, da Iugoslávia, ganhava o Grande Prêmio Itamarati, e o mexicano Manuel Filguérez conquistava o Grande Prêmio Honorífico da 13ª Bienal de São Paulo.

**XIII bienal de são paulo**  
outubro — dezembro 1975  
parque ibirapuera são paulo brasil

patrocinada pelo governo municipal de são paulo

## A última premiação

■ A décima quarta edição do evento, em 1977, marcou o fim das premiações nas Bienais. O grupo de los 13, da Argentina, carregou, pela última vez, o Grande Prêmio Itamarati. Mais uma vez a iniciativa privada participava no apoio ao evento. O Prêmio Brindes Pombo, oferecido por aquela empresa fabricante de artigos de escritórios e agendas, foi ganho pela Equipe Entrementes e Tomaz Mendonza Harrel. A mostra comportou obras de 36 países



e, pela primeira vez, foi organizada por um conselho de arte, numa renovação de princípios da Bienal. Esse Conselho de Arte e Cultura, com poderes normativos, era apoiado pelos órgãos administrativos da Fundação Bienal e outras entidades públicas culturais. Naquele evento, foi decidida a realização, em anos pares, da Bienal Latino-Americana, e prestada uma homenagem a Lasar Segall pelo 20º aniversário de sua morte.



**Votorantim.  
Um nome que se constrói desde 1918.**



As mais diversas formas de expressão artística presentes nas mostras indicavam, por outro lado, o interesse dos artistas de várias nacionalidades em participar do evento.

## ***Crítério e avaliação***

■ Implantada pelo professor Walter Zanini, uma nova metodologia de distribuição das obras expostas proporcionou um caráter crítico e didático do evento. Era a primeira Bienal da década de 80 e a sua 16.<sup>a</sup> edição.

Com 33 países participantes, pela primeira vez, a Bienal mostrava obras reunidas por analogia de imagem e não simplesmente por país de origem. Os critérios de seleção de obras dessa Bienal de 1981 também se tornaram mais rígidos, sendo que um comitê internacional, integrado por técnicos, diretores de museu e críticos de arte, reunido trinta dias antes do evento, examinou e distribuiu os trabalhos segundo sua linguagem analógica.

Esse era o primeiro dos três núcleos em que se dividiu aquela Bienal. No segundo, foram apresentadas obras de diversas tendências e valor histórico, enquanto, no terceiro, foram mostradas obras de países latino-americanos. Outra novidade da 16.<sup>a</sup> Bienal foi a apresentação de obras de Arte Incomum ou Arte Bruta, definida por Jean Dubuffet como a arte feita por indivíduos sem condicionamento cultural, sem assistência profissional e sem qualquer conhecimento das tradições artísticas.



## ***Salto para o futuro***

■ Embora na época pouca gente tivesse percebido, a 15.<sup>a</sup> Bienal, em 1979, não foi apenas um amontoado de obras premiadas entre 51 e 77.

Não era também uma retrospectiva, na medida em que a maior parte dos artistas premiados em eventos anteriores não compareceu apenas para mostrar trabalhos distinguidos, mas, principalmente, para discutir o futuro das artes.

Assim, as críticas àquela que se propôs ser a “Bienal das Bienais”, não tiveram vida muito longa, uma vez que ela serviu de base para modificações importantes, que iriam ocorrer a partir da década de 80.

Obras de 44 países compuseram o acervo da 15.<sup>a</sup> Bienal, que promoveu, paralelamente, manifestações de teatro, cinema e dança.



# imi®

MANUFATURADORA S/A



RIO - Rio Design Center - F. (021) 259-5843 - Casa Shopping - F. (021) 325-6133  
SÃO PAULO - Av. Brasil, 1472 - F. (011) 881-4455  
BELO HORIZONTE - Rua Antônio de Albuquerque, 715 - F. (031) 225-3633  
BRASÍLIA - CLS 210/Bl. C - F. (061) 243-3154  
GOIÂNIA - Av. República do Líbano, 1770 - F. (062) 225-6433  
SALVADOR - Rua Marquês de Caravelas, 148 - F. (071) 247-8969  
ILHEUS - F. (073) 231-5912  
RECIFE - Av. Conselheiro Aguiar, 2740 - F. (081) 326-3111  
TERESINA - Av. Jockey Club, s/nº - F. (086) 232-5345  
VITÓRIA - Art's Center - Rua Ferreira Coelho, 310 - Loja 21 - F. (027) 235-2473  
CURITIBA - Rua Augusto Streser, 1099 - F. (041) 264-3133  
PORTO ALEGRE - Rua Anita Garibaldi, 1246 - F. (0512) 41-3345  
CORAL GABLE, MIAMI, Fla/USA - 504, Biltmore Way - F. (305) 445-1226  
TELEX: 21-32268 - SINT - FAX: (021) 7719769



W/Brasil

rosset®

TECIDOS

Processo Registrado de O.Tex  
COM  
LYCRA

*Só os homens de tato  
vão descobrir as novidades  
desta coleção Valisère.*

Disponível nas lojas a partir de 29 de outubro.

*Bright Touch Valisère.  
Bonita de ver, gostosa de usar.*



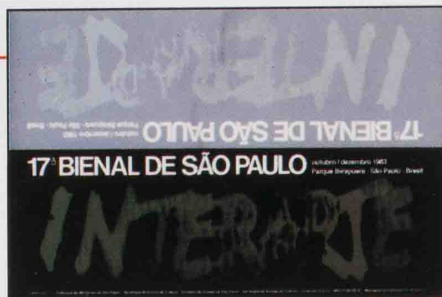
Se eu fosse você, só usava Valisère.

## Patrocínio empresarial

■ Chegava-se quase à metade da década de 80 e só em sua 17ª edição a Bienal conseguia comemorar uma grande conquista. Naquele ano, 50% do orçamento do evento foi bancado pela iniciativa privada, proporcionando à Fundação Bienal condições de realizá-lo adequadamente.

Além das retrospectivas, a 17ª Bienal apresentou uma novidade: artistas brasileiros, além de treze estrangeiros, desenvolveram trabalhos durante a realização do evento, no prédio da Bienal.

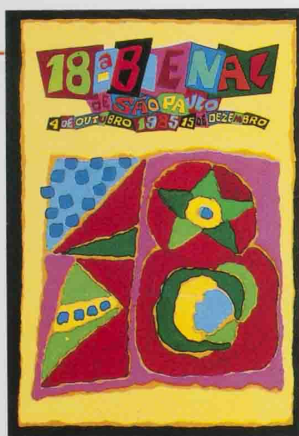
Como sinal dos tempos, foi montada



passaram naquele ano pelo pavilhão Armando de Arruda Pereira, atraídas pelo conceito do evento e suas novidades, como uma programação especial sobre o cinema polonês, ou uma mostra paralela do cinema erótico. Os grafiteiros Keith Haring, Kenny Scharf e James Brown também tiveram seu espaço naquela Bienal.

uma sala sobre o videotexto, enquanto se mostrava paralelamente exposições de obras de caráter étnico-antropológico, apresentando Pinturas Aborígenes da Austrália e Arte Plumária do Brasil.

Cerca de 165 mil pessoas



## O Homem e a Vida

■ Enfatizar os elos de ligação entre a História e o presente, além de abordar de maneira crítica a produção artística contemporânea, foram as maneiras encontradas para nortear a realização da 18ª Bienal, em 1985, que aconteceu sob o enfoque “O Homem e a Vida” e reuniu obras de artistas de 46 países.

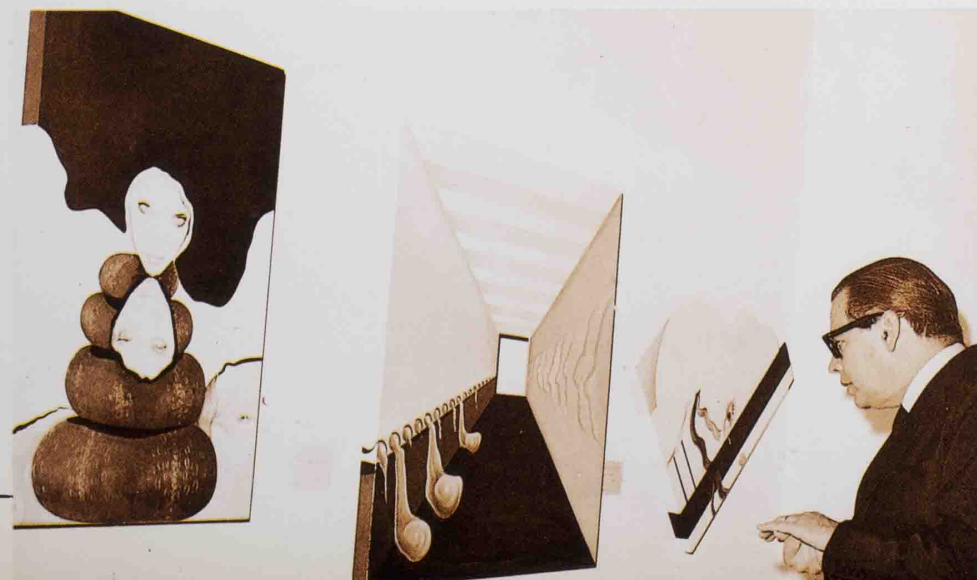
A analogia de linguagem continuava sendo o critério para a divisão das obras, agrupadas em dois grandes núcleos: Arte Contemporânea e Exposições Históricas.

Além dos artistas brasileiros, que continuavam recebendo pró-labore da Fundação, prática iniciada

ainda na décima sexta versão do evento, foram convidados também vinte artistas estrangeiros.

Foi criada uma curadoria específica para eventos musicais, que promoveu apresentação de grupos de danças. A Fundação Bienal, naquele ano, conseguiu com que 85% do orçamento do evento fosse bancado pela iniciativa privada, garantindo sua qualidade artística.

Um artigo de Donald Kuspit, publicado na revista “Art in América”, destacou que “defendendo uma arte pluralista e humanista, a Bienal revela sinais de um retorno à proeminência entre as exposições internacionais”.



Arte de vanguarda sempre foi uma preocupação da Bienal, apresentando no País as tendências mundiais da arte. Na foto, o interesse do governador Abreu Sodré pela novidade.



Além de empresários, o público também fez da Bienal um ponto de encontro em torno das mais variadas formas de expressão artística mundial.



## Novos rumos

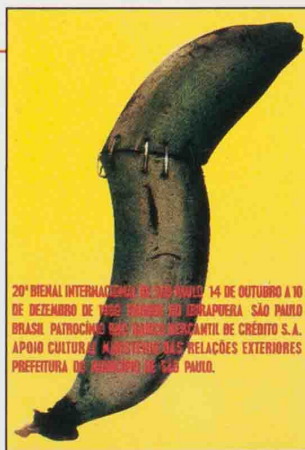
■ A 19ª Bienal, realizada em 1987, marcou a presença de novos artistas, que apresentaram ao público sua arte baseada na linha da contestação dos valores sociais. Essa versão confirmou a média de participação estrangeira em Bienais, reunindo artistas de 50 países, que proporcionaram a realização de uma mostra composta por cerca de 12 mil obras.

A contribuição empresarial continuou sendo decisiva para a viabilização do evento, conforme havia idealizado seu criador, Francisco Matarazzo Sobrinho. E não houve, como era possível supor na época, um choque entre o patrocínio empresarial e as obras de contestação, uma vez que o admirador da arte já carregava uma consciência artística das tendências que surgiam em todo o mundo.

## Voltam as premiações

■ Última da década de 80, a 20ª Bienal promoveu a volta das premiações, nos âmbitos nacional e internacional. O evento completava 38 anos de existência e pretendia resgatar uma linguagem homogênea com as edições anteriores. Pelo menos com as principais.

A seleção das obras foi inovada, através da implantação de três Curadorias, uma para trabalhos brasileiros, outra para estrangeiros e mais uma relativa a Eventos Especiais. “O índio e a Suassuapara”, uma escultura de Brecheret, passou a



representar o prêmio internacional, enquanto os prêmios nacionais passaram a ser oferecidos pela Fundação Alexandre de Gusmão. A 20ª Bienal marcou também o fim das subvenções estadual e municipal, passando a Bienal a contar basicamente com o patrocínio da área empresarial, além de apoio oficial do Ministério das Relações Exteriores e do Banco do Brasil. Artistas de 41 diferentes países, além de 24 brasileiros, formaram o elenco daquela Bienal.

## AMOR E PIONEIRISMO

O grande  
amigo das artes

A arte no Brasil, mais especificamente em São Paulo, já pode ser considerada como uma grande manifestação cultural em um país de terceiro mundo. Muitos a comparam, inclusive, com as mais desenvolvidas. Mas esse mérito não veio de graça. Foi preciso muito esforço, insistência e dedicação daqueles que acreditaram que o desenvolvimento de uma metrópole é baseado em saúde, industrialização e cultura. A Semana de Arte Moderna de 22 foi apenas um aceno do que poderia acontecer com São Paulo. Aqui, já se sabia, era a única cidade do País onde se poderia difundir uma cultura ligada às artes, trazendo, assim, um pouco da Europa para o Brasil. Entretanto, a não ser os vanguardistas que organizaram a já histórica Semana de 22, ninguém se atrevia a mexer em um assunto tão importante mas tão difícil de ser incorporado ao modo de vida de uma cidade provinciana, como era São Paulo na época. Enquanto a maioria da população não imaginava o que existia no mundo na

área das artes, as famílias de maior poder aquisitivo, que podiam freqüentar as grandes capitais, admiravam esta cultura. Era assim também com a família dos Matarazzo, imigrantes italianos que desenvolveram um grande conglomerado de empresas em São Paulo. Como era tradição entre os mais ricos, os filhos eram mandados para a Europa, em busca de estudo compatível com a condição social da família, já que o Brasil não oferecia um estudo dos mais nobres. Foi assim que Francisco Matarazzo Sobrinho, o segundo dos sete filhos de Virgínia e André Matarazzo, seguiu seu caminho de estudante na Europa, aos 11 anos de idade. Lá ele ficou por dez anos, até o início da I Guerra Mundial, o que o impossibilitou de terminar a faculdade de engenharia na Itália. Mas estes 10 anos foram suficientes para que Ciccillo — apelido que recebeu dos amigos na Itália — percebesse a importância das artes no desenvolvimento da cultura em um país.

Quando aconteceu a Semana de 22, seus participantes, intelectuais de vanguarda da época, foram taxados de loucos e irreverentes. Mas Ciccillo, que observou tudo de fora, percebeu que aquele era um grande momento para o Brasil. Mais tarde, ele declararia que aquele movimento serviu para abrir-lhe os olhos. Entretanto, ele não tomou nenhuma iniciativa precipitada. Continuou dedicando-se aos negócios, mas sempre de olho no que acontecia lá fora.

Passou o tempo e a arte se desenvolvia no Brasil em um ritmo um tanto lento para o gosto de Ciccillo. Até que ele resolveu se manifestar. Ele viajava muito para o exterior por força de seu trabalho e não deixava de visitar exposições e bienais. Virou um entendido no assunto e sentiu-se capaz de enfrentar o desafio de trazer a arte para o Brasil. Pensavam como ele os intelectuais Quirino da Silva, Carlos Pinto Alves, Sérgio Miliet, Lourival Gomes Machado e outros, que só tinham na cabeça uma idéia: criar um museu de arte moderna. Foi chamado de louco.



---

Ciccillo, o maior responsável pelo sucesso da Bienal de São Paulo, seu patrono, guerreiro e fundador. Sua presença sempre foi importante para qualquer detalhe.

---

Na Suíça, em uma viagem para tratamento de saúde, Ciccillo conheceu o museólogo Nierendorf, diretor do Museu Guggenheim. Foi aí que tudo começou. Os dois começaram a organizar uma exposição de arte abstrata de todos os países, uma réplica do que já havia acontecido em Paris. Foi lá que eles organizaram tudo e, em 8 de março de 1949, inauguraram o MAM, em um pavimento do edifício Guilherme Guinle, sede dos Diários Associados em São Paulo, cedido pelo jornalista Assis Chateaubriand. A chama se acendeu e nunca mais se apagou. A partir desse momento,

Ciccillo se transformara em um defensor da arte moderna como nunca se viu. Com recursos próprios, mantinha um núcleo voltado para o problema da divulgação da arte moderna como um mecenas. Mais do que isso, ele se transformou em um embaixador do Brasil junto ao sofisticado mundo artístico europeu, especialmente em Veneza, na Itália, onde era conhecido como o "Grand Seigneur Brasileiro". Destas suas frequentes visitas à Europa, surge uma idéia embrionária: fazer no Brasil uma bienal nos moldes da Bienal de Veneza, a maior do →



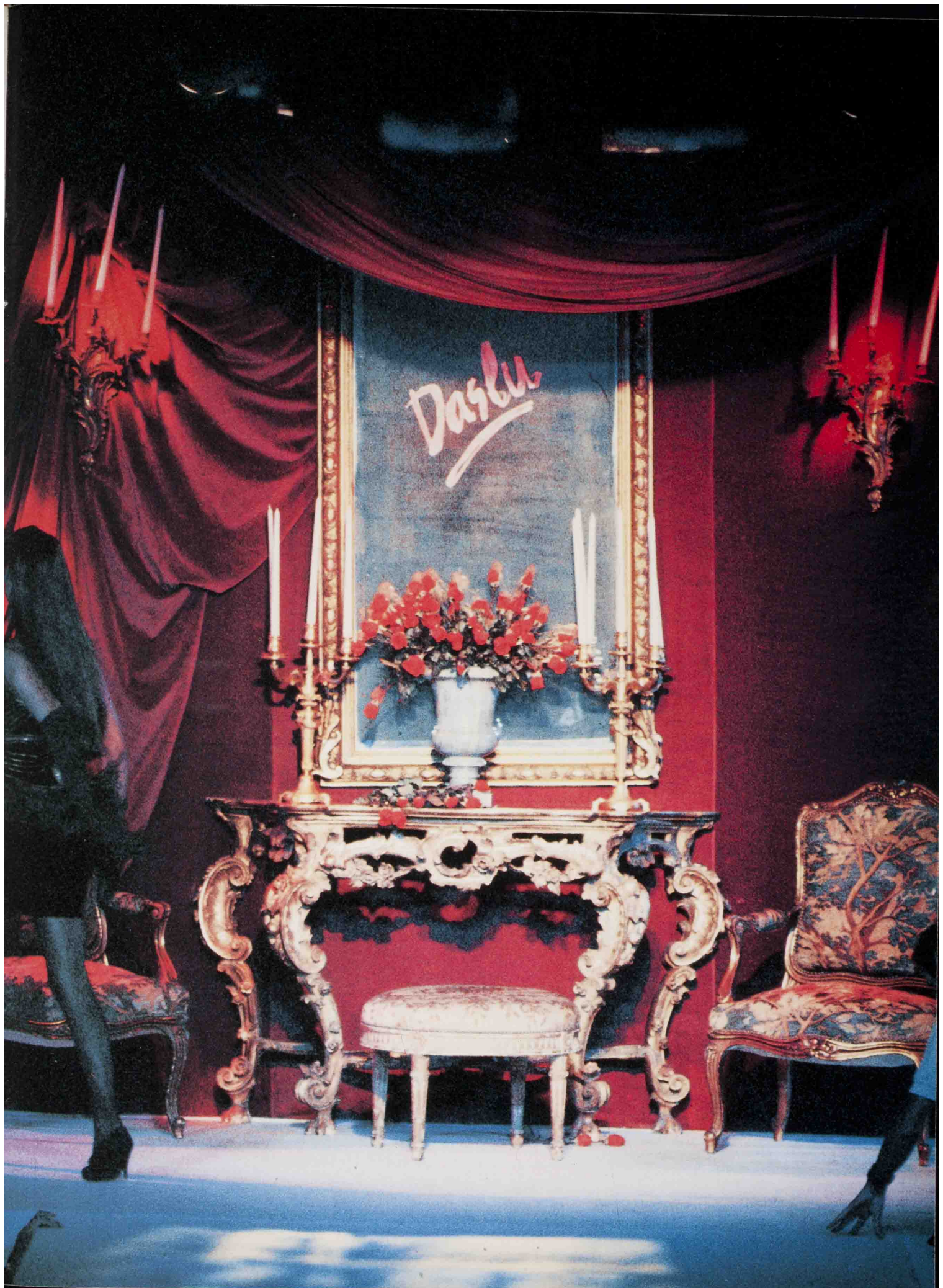
No pavilhão, Francisco Matarazzo Sobrinho recebia todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a solidificação do mais importante evento cultural do Brasil.

mundo. Novamente ele foi taxado de “louco”, pois nenhum artista se daria ao trabalho de participar de uma exposição em um país de terceiro mundo. Mas, mesmo assim, ele não desistiu e iniciou uma nova empreitada, em busca de apoio. Ciccillo sabia o que estava fazendo. Circulava pelo ambiente artístico de Veneza com muita desenvoltura e ia distribuindo convites de recepções que organizava a quem visse pela frente. Seus convidados eram, em sua maioria, críticos, artistas, jornalistas e autoridades que poderiam apoiar a futura Bienal brasileira. Como sempre, as despesas corriam por sua conta como se fosse um investimento de retorno garantido. Sempre a seu lado estava Yolanda Penteadó, depois sua mulher, que, incansável, corria mundo

“vendendo” a Bienal brasileira. O Brasil começou a perceber que Ciccillo não era tão louco assim quando viu os meios intelectuais e governamentais de todo o mundo aplaudir os planos da futura Bienal. Logo perceberam que alguma coisa estava por acontecer e a adesão dos brasileiros ligados às artes e à imprensa foi inevitável. E foi assim, com a ajuda de todos, que começou a nascer a I Bienal de São Paulo.

Enquanto se buscava no exterior a adesão de artistas dos mais diversos países, no Brasil, era feita uma triagem para escolher a representação nacional. 1.500 obras foram enviadas para serem submetidas ao julgamento e, dessas, apenas quatrocentas foram escolhidas pelos jurados Tomás Santa Rosa, Quirino Campofiorito, Clóvis Graciano, Luís Martins e Ciccillo que, apesar de negar o título de crítico, participou por ser o diretor-presidente do Museu.

Estava realizado o sonho de Ciccillo, um encontro internacional periódico de artes plásticas para dar sentido ao Museu de Arte Moderna. A 1ª Bienal se apresentou ao público como uma experiência a fim de transmitir a lição àqueles que quisessem levar adiante este trabalho, que não foi pequeno. Depois de tudo organizado, havia o problema do espaço onde aconteceria a mostra, que exigia instalações próprias. Como não existia na cidade um local de dimensões apropriadas para tal evento, a prefeitura construiu, como uma forma de remediar a situação, um barracão na área do Trianon, na Avenida Paulista. O espaço precisava ser grande, pois, na cabeça de Ciccillo, uma Bienal é um evento que tem que ser aberto a todos e não apenas para poucos privilegiados. O que ele queria era fazer com que o povo da rua tivesse, no Brasil, o acesso às artes que ele teve na juventude, apenas porque podia viajar e morar na Europa. E foi lá que se inaugurou, em 1951 a 1ª Bienal de Artes Plásticas de São Paulo. A mostra contou com a participação de 21 nações expositoras, que levaram 1.800 obras, dando uma radiografia da arte moderna no mundo e também de seu desenvolvimento no Brasil. O salão construído onde hoje é →



o MASP ficou pequeno devido ao grande número de pessoas, entre eles políticos e intelectuais, que prestigiaram o feito mais importante de Ciccillo, a criação da Bienal.

Depois do enorme sucesso que foi a 1ª Bienal, a 2ª já era inevitável, pois o Brasil precisava dessa mostra e o mundo já havia incluído nosso país no calendário das artes. Ciccillo não parou mais, tratou de correr mundo, novamente, em busca de expositores, sempre auxiliado por Yolanda Penteadó. Foi ela quem conseguiu, segundo Ciccillo, trazer para esta Bienal o festejado "Guernica" de Picasso, do Museu de Arte Moderna de Now York.

E foi assim que Ciccillo seguiu, sempre à frente da Bienal, fazendo com que o

Brasil crescesse junto ao resto do mundo, em termos de arte.

Merecidamente, Ciccillo colhia os frutos desse seu trabalho. O Brasil já estava consolidado no mundo das artes e não era mais preciso correr atrás dos expositores. Agora, as representações de diversos países é que procuravam o museu para não ficar de fora dessa importante obra.

As 2ª e 3ª Bienais já não cabiam mais no salão do Trianon e aconteceram no Pavilhão Manoel da Nóbrega, onde hoje funciona o gabinete da prefeita. Mas, na cabeça de Ciccillo, este ainda não era o espaço ideal. A Bienal precisava ter um prédio próprio, construído e pensado para abrigar obras de arte, pois as dimensões da mostra já exigiam isso.

---

Na foto, o então governador paulista Abreu Sodré presta o apoio oficial do governo ao sonho de Ciccillo, que virou realidade pela luta desse incansável amigo das artes.

---





Dirigentes políticos sempre prestigiaram a Bienal. Na foto, o então prefeito Paulo Maluf cumprimenta Ciccillo por mais uma realização do evento.

A oportunidade de realizar mais este sonho surgiu quando foi convidado para presidir a comissão dos festejos do IV Centenário da fundação de São Paulo, em 1954. Para a comemoração, ele idealizou uma grande obra que funcionaria como um presente ao povo paulistano: uma área de lazer. Para tanto, Ciccillo convidou o arquiteto Oscar Niemeyer para o planejamento dessa área, onde, obviamente, deveria ser construído o espaço tão sonhado que abrigaria as Bienais. Nasceu, assim, o Parque do Ibirapuera. Mais uma vez, Ciccillo foi taxado de louco por empreender uma obra de tão grande porte. Mas, aos poucos, o que era apenas um canteiro de obras foi se delineando, e a cidade começou a se acostumar com a idéia de que aquilo era um espaço para o seu bem-estar. Junto com os festejos do IV Centenário — que teve espaço até para uma briga entre Ciccillo e o então prefeito da cidade, Jânio Quadros —, aconteceu a 4ª Bienal Internacional de Artes de São Paulo, já em sua nova e definitiva sede. Mais uma vitória de Ciccillo. Em 1970, ano anterior em que se

precedia a 11ª Bienal, Ciccillo sentiu a necessidade de realizar uma seleção mais rigorosa das obras brasileiras, pois estas seriam colocadas em confronto com os mais expressivos expoentes das artes no mundo. Ele idealizou, então, as Pré-Bienais ou Bienal Nacional como ficou conhecida. Cada Estado submeteria as suas obras a um júri local antes de enviá-las para São Paulo. A Fundação Bienal, por sua vez, faria um novo julgamento, onde selecionaria as obras que participariam da Pré-Bienal.

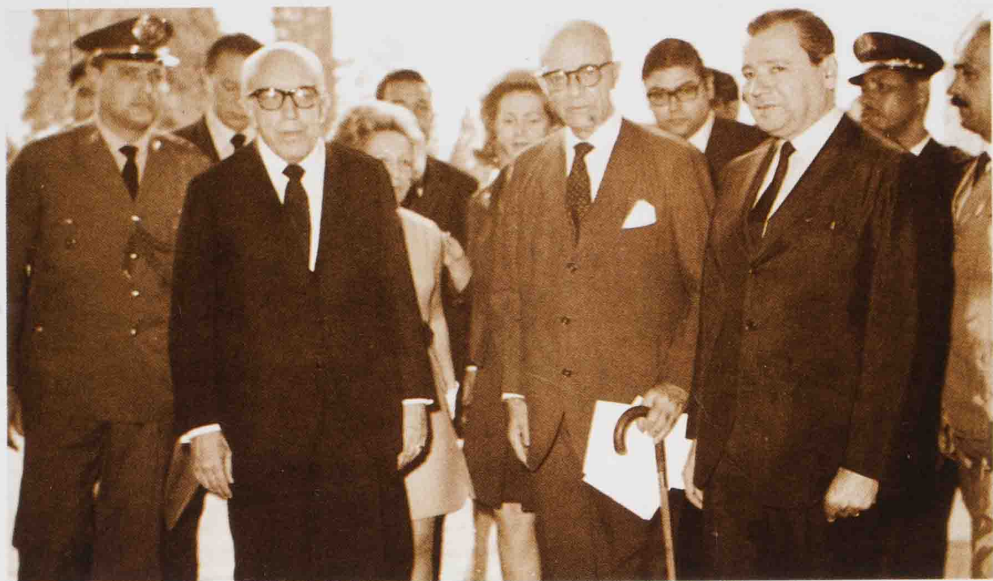
Figuraram nesta exposição 258 obras de todo o Brasil, das quais 25 seriam escolhidas previamente para compor a sala da representação brasileira na 11ª Bienal. Além de fazer uma melhor seleção dos artistas brasileiros para a Bienal, estas Pré-Bienais realizavam mais um sonho de Ciccillo, o de alcançar todos os pontos do Brasil com a sua proposta de difundir a arte por aqui.

Paralelamente a todo esse seu trabalho com as artes, consolidado pela Bienal, Ciccillo ainda tinha ânimo para tocar outras propostas de difusão cultural. Antes mesmo de partir para a luta das

---

Uma das últimas participações de Ciccillo Matarazzo na Bienal. Sua luta, porém, não chegou ao fim. Vários seguidores encamparam a batalha em favor da arte no Brasil.

---



Bienais, Ciccillo já havia colaborado para o desenvolvimento do cinema e teatro modernos com a fundação da Vera Cruz e do Teatro Brasileiro de Comédia. Também foi o fundador do Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo. Na esteira das Bienais de Artes Plásticas, Ciccillo organizou a 1.<sup>a</sup> Bienal Internacional do Livro, como uma mostra autônoma. Era a realização de um outro desejo do sonhador Ciccillo, difundir o saber através dos livros para todo o Brasil e para todos os cidadãos. Em sua primeira edição, a Bienal do Livro já mostrava que vinha para ficar, assim como a Bienal de Artes Plásticas. Foram quinhentos editores de 23 países que aderiram à idéia de Ciccillo e das entidades Instituto Nacional do Livro, Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Nessa época, Ciccillo, a estas alturas, já era a própria Bienal em pessoa. Ninguém poderia imaginar a Bienal sem Ciccillo e nem Ciccillo sem a Bienal. Ele era seu idealizador, fundador e o homem forte, que sempre estava à frente da mostra. A Bienal era dependente de seu criador até em termos financeiros, o que fazia com que ele se questionasse sobre a continuidade da obra. Aos 77 anos de idade e 24 de Bienal, Ciccillo alegava já não ter mais saúde para levar adiante a empreitada e, em janeiro de 75, entregava sua carta de demissão à Fundação Bienal. Mas, em

abril, ele voltou, com o propósito de entregar para seu sucessor uma Bienal com base econômica mais precisa e com a descentralização do poder que até então estava em suas mãos. Essa estabilização financeira da Fundação era uma coisa que ele podia fazer com tranqüilidade. Desde junho de 1974 seus entendimentos com a Prefeitura de São Paulo chegaram a um acordo diante de aprovação da lei nº 8.073, votada pela Câmara dos Vereadores e pelo prefeito Miguel Colasuono, que viria dar estrutura econômica às Bienais, promovendo o desafogo financeiro. Assim, durante a 13.<sup>a</sup> Bienal Ciccillo se afastou definitivamente do cargo de presidente da Fundação. Dois anos após a sua renúncia, seu estado de saúde se agravou e, em 16 de abril de 1977, ele faleceu devido a um colapso cardíaco. A arte ficara órfã, pois seu maior incentivador havia ido embora. Entretanto, ele porém viu seus desejos realizados. A arte no Brasil virou essencial e todos os que se interessarem tem acesso à ela. Ele trouxe cultura a um país que precisou muito, sempre pensando nos brasileiros menos favorecidos, que não tiveram a oportunidade que ele teve na juventude de ver o que era a arte e a cultura. Hoje, graças a ele, isso já não existe mais. As Bienais se solidificaram e hoje se constituem em uma das grandes mostras do mundo.



# APOIO:

---

TODA VEZ QUE ESTA  
PALAVRA APARECE  
ASSINANDO UM PROJETO  
CULTURAL, SIGNIFICA QUE  
UMA EMPRESA ESTÁ  
ACREDITANDO NA  
CAPACIDADE CRIATIVA  
DO HOMEM.  
A WHITE MARTINS ACREDITA.

---

## TRABALHO VOLUNTÁRIO

# Patronesses em busca de incentivos

**G**rande parte do público que visita as Bienais Internacionais de São Paulo não imagina o esforço de certas pessoas para que a mostra aconteça e faça jus ao título de maior e mais importante exposição do País. Os problemas são

diversos, mas o maior deles é sempre aquele que diz respeito à arrecadação de verba para que o projeto seja viabilizado. Durante um ano acontece uma soma de esforços para que a Fundação Bienal consiga reunir a quantidade suficiente de dinheiro para realizar a Bienal.

O primeiro passo para essa arrecadação de fundos para a próxima mostra foi a apresentação da companhia de balé francesa Maguy Marin, cuja renda está sendo revertida para a realização da Bienal. Para tanto, a Fundação contou com o trabalho da Alice Carta Promoções, que teve a função de reunir patronesses para vender os ingressos do espetáculo. A diferença desse trabalho reside no fato de que ele transcende à venda pura e simples de ingressos. Estas senhoras, ligadas e interessadas na cultura de São Paulo, não apenas venderam os ingressos, mas apresentaram o problema para as pessoas, buscando despertar o interesse delas em uma colaboração maior. Segundo Alice Carta, se os empresários também não se conscientizarem de que precisam ajudar, a cultura passará por



Rosa Barbosa, Beth Cardoso, Bárbara Sulzbacker, Xuxa Lopes.



Rose Bratke, Sônia Franco do Amaral, Maria Amália Montoro, Alison Alves de Oliveira, Mônica Freire, Berenice Andrade O'Henry.

momentos muito difíceis.

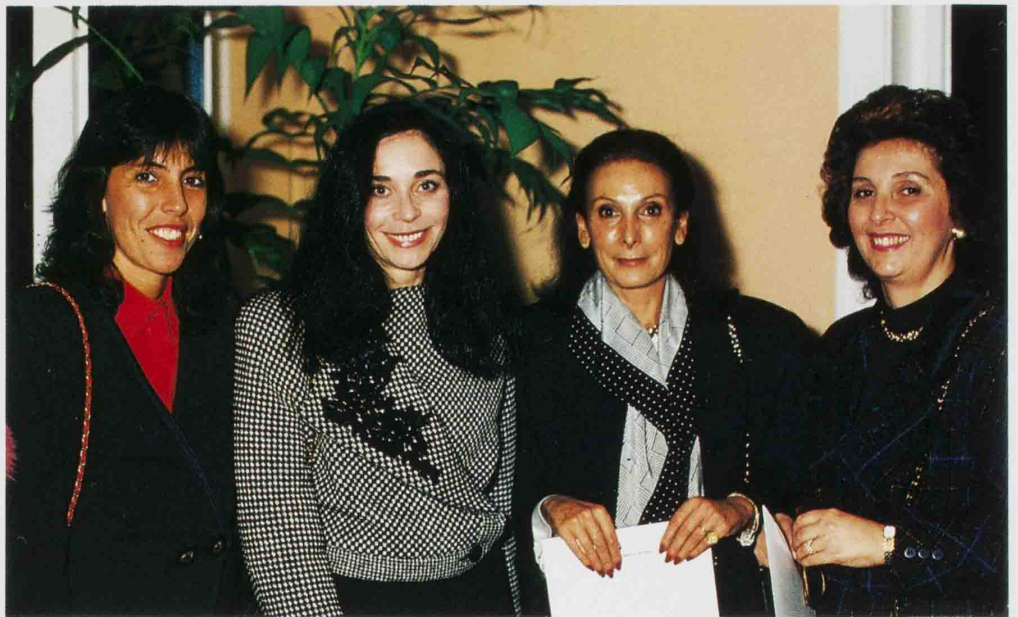
A Bienal Internacional de São Paulo já se consagrou como a segunda maior mostra de artes do mundo — ela perde apenas para a Bienal de Veneza, na qual foi inspirada — e, por isso mesmo, não pode deixar de acontecer, afirma Alice. “O Brasil não pode mais perder essa imagem junto ao resto do mundo, e a Bienal não pode parar”, completa.

Alice Carta



Vera Lia Figueiredo, Mônica Neuding, Matilde Galvão.

Quando as patronesses foram convocadas, a Fundação procurou deixar claro que a preocupação principal não era vender ingressos e sim mostrar que aquela quantia era uma contribuição à



Patrícia Monteiro de Barros, Izabel Esteves, Eliana Roxo, Xaninha Kesselring.



Elza Tofini, Marilena Hannud, Maria Aparecida Simões.

cultura. Por isso mesmo é que o público procurado por elas foi basicamente de empresários e de pessoas ligadas e interessadas nas artes. Dessa forma, as patronesses funcionam como incentivadoras da realização da Bienal, mostrando para o público a dimensão desse problema. Este grupo de patronesses promoveu uma série de reuniões para explicar esse trabalho e despertar o interesse para patrocínios e contribuições. Alice

Carta diz que esse trabalho não termina com a apresentação do balé. “Pretendo estar trabalhando em favor da Bienal até a sua realização e, mais ainda, pretendo estar com esta mesma equipe de patronesses que entendeu a importância do incentivo e deu tanta força”, conclui.

### **Relação de patronesses que colaboram com a captação de recursos para a 21ª Bienal Internacional de São Paulo.**

Adelita Fehr  
Ana Helena Brandt de Carvalho  
Ana Maria Monteiro de Carvalho  
Áurea Amorim

Bárbara Souza Sulzbacker  
Beatriz Monteiro de Carvalho  
Bebel Alves Lima  
Berenice Andrade O' Henry  
Beth Cardoso  
Beth Dias de Souza  
Bia Mattar

Clarisse Reade  
Cléa Faria  
Cristina Neves da Rocha  
Cristina Batista Pereira  
Cristiã Ferraz  
Cristina Paes Barreto

Daniela Camargo de Almeida

Dora Rosset  
Dulce Ribeiro Salles

Eleonora Mendes Caldeira  
Eliana Roxo  
Elizabeth Arbaitman  
Elizabeth Guedes  
Elza Tofini

Graziela Cochrane  
Graziela Leonetti

Helena Kalil

Heloísa Lacerda Soares  
Heloísa Dória

Iomi Sanguszko  
Izabel Esteves

Joelle Nasser

Lídia Chagas  
Lúcia Pinto de Souza



Silvia Reale Campos da Silva, Tânia Piva de Albuquerque



Suzana Caltabiano, Maureen Stockler, Ruth Malzoni, Elizabeth Arbaitman, Rosa Barbosa, Tuly Toledo Piza Mota.



**Graziela Leonetti, Lídia Chagas, Maria Rita Nabuco, Matilde Galvão, Cecília Vicente de Azevedo, Xinha Zirlis.**



**Marina Pedroso Berlinck, Marília Simonsen Porto, Regina Baptista Figueiredo, Daniela Camargo de Almeida, Maria Eudóxia Mellão Figueiredo**

Mônica Muller Neuding

Nilze Sanches

Patrícia Monteiro de Barros

Regina Collor de Mello

Regina Baptista Figueiredo

Regina Pinho de Almeida

Renata Mellão

Ricci Souza Aranha

Rosa Barbosa

Rosana Arruda Botelho

Rose Bratke

Ruth Almeida Ribeiro

Ruth Malzoni

Sílvia Reale Campos da Silva

Sônia Franco do Amaral

Suzana Caltabiano

Tânia Salem Derani

Tônia Bocalatto

Vera Guimarães Scarpa

Vera Lia Figueiredo

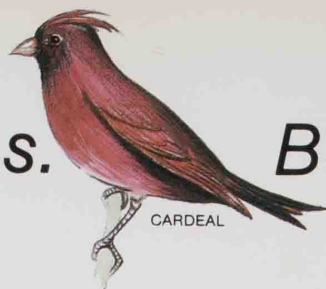
Vera Moura Andrade

Wanda Jacinto da Silva

Yolanda Coimbra

Maria Elisa Gauss  
 Maria Eudóxia Mellão Figueiredo  
 Maria Helena Azevedo Silva  
 Maria Lúcia Lutfalla  
 Maria Rita Nabuco  
 Maria Zilda Araújo  
 Marilena Arambazic  
 Marilena Hannud  
 Marina Felfeli  
 Marília Simonsen Porto  
 Marina Pedroso Berlinck  
 Matilde Padilha  
 Mireja Bastos  
 Mônica Freire

*Voar é simples. Basta ter asas. Ganhar*



CARDEAL

*o espaço e sentir a liberdade.*



MARACANÃ "MARITACA"

*Vamos*



AZULÃO

*aproveitar o início dos*



CHAPIM-AZUL

*anos 90 para garantir o direito*



BEIJA-FLOR

*de voar,*



TIÊ-SANGUE

*preservando*



ARARA-VERMELHA

*nossos pássaros.*

*Afinal, se a gente*

*não abrir o bico*



TICO-TICO

*agora, as*



SABIÁ-LARANJEIRA

*próximas gerações*

*só*

*vão conhecer as*



TUCANO

*aves através de*



GALO-DA-CAMPINA

*anúncios como este.*

## ESTRATÉGIA PROFISSIONAL

# A força do Escriptório Central



A experiência de Horácio Berlinck Neto, profissional de Marketing que dirige o Escriptório Central, é a grande arma da Bienal para a captação de recursos financeiros e patrocínios.

Já são tradicionais os problemas enfrentados a cada dois anos pela Fundação Bienal para a realização de sua mostra. A falta de incentivos sempre ameaça a concretização da segunda maior Bienal do mundo, simplesmente porque a Fundação é uma entidade sem fins lucrativos, dependente da arrecadação de patrocínios. Esta 21.<sup>a</sup> Bienal não foge à regra. O orçamento já foi feito e se chegou à conclusão de que serão necessários US\$ 3 milhões para que seja realizada. Isto não seria tão complicado não fossem as mudanças ocorridas no cenário econômico nacional que deixaram a cultura praticamente relegada a segundo plano. O fim da Lei Sarney complicou ainda mais a situação, acabando com os incentivos fiscais. A Fundação, porém, não se abalou e decidiu contratar os serviços de quem realmente entende de captação de recursos, dedicando-se apenas aos preparativos para os 40 anos de Bienal. O escolhido foi o Escriptório Central de Comunicação e Marketing, dirigido pelo profissional de marketing Horácio Berlinck Neto. É esta empresa que vem realizando, todo final de ano, a “Corrida Internacional de São Silvestre”, viabilizando o evento através da conquista de patrocínios e incentivos. O “Grand Prix Internacional de Atletismo” também é realização do Escriptório Central, assim como diversas exposições e mostras de

arte como a “Tradição e Ruptura”, que aconteceu durante a 19.<sup>a</sup> Bienal. Horácio diz que o Escriptório foi contratado para dois projetos interligados. O primeiro, para lembrar a importância da Bienal junto à sociedade, pois esta é uma data histórica, que marca os 40 anos da Bienal. O outro projeto, para conseguir recursos financeiros para realização da Bienal e conquistar patrocínios para o mesmo fim. De acordo com Berlinck, este é um ano em que a dificuldade para a captação desses incentivos ficou muito grande e é preciso estimular as empresas e a sociedade a investirem no projeto. A forma encontrada por ele foi a de promover diversos eventos culturais e sociais com a arrecadação revertida para a Bienal. O projeto, que se iniciou com a apresentação da companhia Maguy Marin, contará com outros eventos, que devem se estender até o início da Bienal, para que o assunto fique sempre em evidência e as pessoas não se esqueçam que precisam colaborar. Horácio diz que pretende promover no mínimo três eventos, um em março, outro em maio e o último em agosto. Ainda não existe nada acertado, mas Horácio tem idéias. A intenção é realizar um espetáculo de vanguarda de música brasileira e também um baile de gala no Teatro Municipal. Todos estes eventos serão viabilizados através de patrocínios, o que possibilita a realização sem nenhum tipo de incentivo e com lucro para a Bienal. Para isso, o Escriptório conta com o trabalho de sua equipe de vendas especializada nesse setor que, além de conseguir os patrocínios para os eventos, irá “vender” a Bienal. Berlinck acredita, também, que existe uma gama muito grande de possibilidades de comercialização para a Bienal. “É possível criar uma série de mídias como salas especiais, a transportadora oficial do evento e ainda um documentário sobre a história da Bienal”, completa. Seria uma retrospectiva do evento através de flashes diários de um minuto com veiculação nas principais redes de televisão. Mas Berlinck terá o cuidado de rentabilizar esse apoio dos futuros patrocinadores com um planejamento de marketing bem amarrado. Sendo assim, também será função do Escriptório Central manter contato com os veículos de comunicação para que a Bienal tenha um bom espaço na imprensa, fazendo com que o patrocínio seja um bom negócio para os empresários.





RHODIA. POR PRINCÍPIO,  
A QUALIDADE FINAL.

 **RHODIA**  
GRUPO RHÔNE-POULENC

**RHODIA**



NÓS QUEREMOS FAZER MAIS

Quando o cliente entra no Laboratório de Desenvolvimento e Aplicações da Rhodia, sabe que dali sairá com soluções de alta tecnologia, que tornarão seu produto ainda melhor e mais competitivo no mercado.

Isso acontece porque a preocupação da Rhodia com a qualidade de seus próprios produtos é tão grande quanto a que tem com a qualidade final dos produtos de seus clientes, a ponto disso ser uma verdadeira questão de princípios da Empresa e de todos que nela trabalham.

É uma preocupação que é sentida desde o primeiro contato com a área comercial da Rhodia. Nessa área, sempre se oferecem aos clientes

alternativas flexíveis e adequadas às necessidades de cada um.

Depois, essa mesma preocupação continua ao se apresentar aos clientes uma linha de matérias-primas que faz da Rhodia a fornecedora preferencial das mais importantes indústrias de medicamentos, tintas e vernizes, construção civil, informática, automobilística e outras.

Por isso, quando o sucesso de seu produto depender da utilização de matérias-primas como Intermediários Orgânicos, Solventes ou Intermediários Fibras e Plásticos, escolha Rhodia. E ganhe a parceria de uma das mais avançadas indústrias químicas da América Latina, do princípio ao fim.

Divisão Grandes Intermediários - Av. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Bloco B 7º andar - Tel.: 545-7640 - Caixa Postal 60561 - São Paulo, SP - CEP 05804.

## O GRANDE ESPETÁCULO

# Maguy Marin, sua vida, sua história

**A**pós ter conquistado seus primeiros prêmios no Concurso Internacional de Coreografia de Nyon (1977) e de Bagnolet (1978), Maguy Marin fundou, em 1978, juntamente com Daniel Ambash, o grupo que foi batizado inicialmente com o nome de "Ballet Théâtre de l'Arche". Desde então, com o apoio do Ministério da Cultura da França, a Companhia formou um extenso repertório, realizando tournées através da França e de outros países. A partir de 1981, o Grupo tem sua sede em Créteil, sendo mantido pela Municipalidade desta cidade e pelo Conselho Geral de Val Marne. Suas apresentações são feitas na

Maison des Arts de Créteil. A Companhia Maguy Marin comemorou sua 200ª apresentação em maio de 1986, no Piccolo Teatro de Milan. A peça "May B", inspirada na obra de Samuel Beckett, permitiu que o grupo viesse a ter reconhecimento internacional. Com um trabalho cada vez mais internacional, a Companhia já fez apresentações em diversos países, tais como Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Polônia, Espanha, Suécia, Suíça, Alemanha e Estados Unidos. Esta é a primeira vez que a Companhia Maguy Marin se apresenta em palcos brasileiros. A Companhia Maguy Marin é subvencionada pelo Ministério da Cultura e Comunicação da França, pela Cidade de Créteil e pelo Conselho Geral de Val Marne.

## Currículo

Maguy Marin iniciou seus estudos de dança aos 8 anos, no Conservatório de Toulouse. Realizou um ano de estudos com Nina Vyroutova, sendo contratada como primeira bailarina da Ópera de Estrasburgo. Em seguida, ingressou na escola "Mudra de Maurice Béjart", tendo tomado parte do grupo "Chandra", que teve origem nesta escola, com direção de Micha Van Hoecke. Colaborou também com Carolyn Carlson. Integrou o "Ballet du XX<sup>e</sup> Siècle" de Maurice Béjart, onde interpretou diversos papéis. Em 1976, coreografou "Yu-ku-ri" para esta companhia. Em 1978, com Daniel Ambash, fundou sua própria companhia, o "Ballet Théâtre de l'Arche", que, em 1984, passou a chamar-se "Companhia Maguy Marin". Em 1983, o Ministério da Cultura da França outorgou-lhe o "Grand Prix National" em coreografia e, em 1986, recebeu a comenda "Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres". Com crescente reputação, Maguy Marin tem sido freqüentemente solicitada para criar coreografias para companhias de diversos países.



May B, coreografia baseada na obra de Samuel Beckett, procura traduzir os gestos mais íntimos, mais ocultos e mais ignorados de cada ser humano.

## Repertório

1978 - Niebas de niño

1979 - A donzela e a morte

- Zoo
- Puzzle

1980 - Canto  
Contrastes  
Reveillon

1981 - May B

1982 - Babel Babel

1983 - Jaleo (Para o Groupe de Recherches

Chorégraphiques de la  
Opera de Paris)

1984 - Hymen

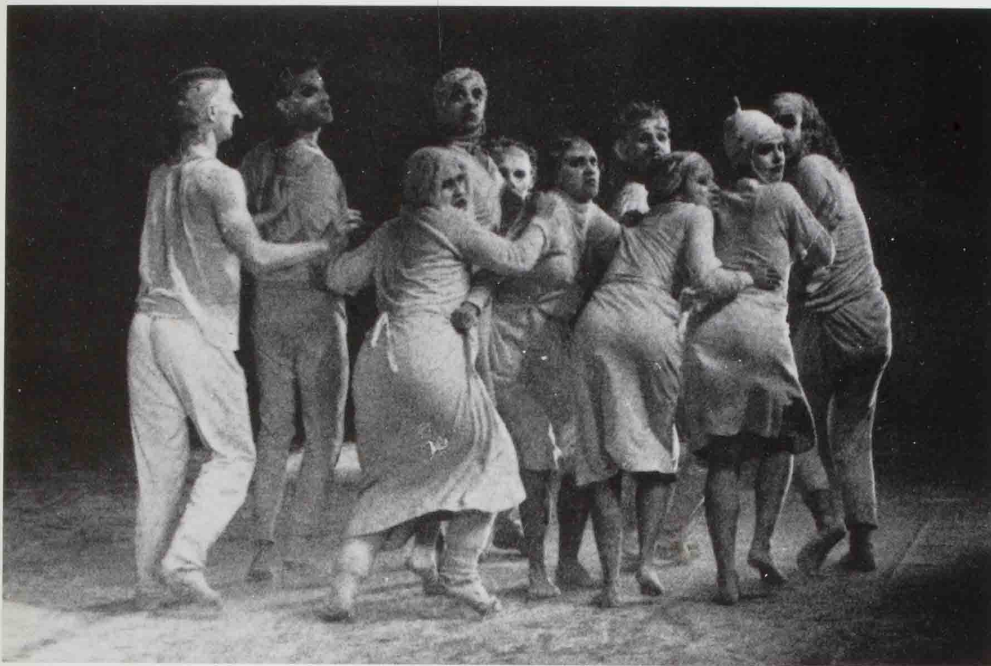
1985 - Calambre  
- Cendrillon (Para  
o Ballet da  
Opera de Lyon)

1986 - Eden (Comissionada  
pelo Centro Nacional  
de Dança Contemporânea  
de Angers para  
a Companhia Maguy  
Marin)

1987 - Lecons de Tenebres  
(Para o Ballet  
da Opera de  
Paris)  
- Otelo  
- Os sete pecados  
capitais

1988 - Coups D'etats

1989 - New York (Para o Ballet  
Nacional da Holanda)  
- Creation (Para  
o Bicentenário  
da Revolução  
Francesa)



Maguy Marin desenvolveu uma obra basicamente teatral, onde seu interesse foi apresentar menos palavras e discursos, substituindo tudo isso por movimento.

## Programa

### May B

Coreografia - Maguy Marin

Figurino - Louise Marin

Iluminação - Pierre Colomer  
(Baseado em um desenho original de John Davis)

Música - Franz Schubert e Gavin Bryars

Co-produção - Maison des Arts de Créteil e Maguy Marin, Aliança Francesa, Associação Francesa de Atuação Artística, Subvenção do Ministério da Cultura e Comunicação da França.

### Bailarinos

Maguy Marin, Ulises Alvarez, Frederic Cornet, Teresa Cunha, Denis Mariotte, Yael Orni, Isabelle Saulle, Stephane Dosse, Christiane Glik, Jean-Marc Lamena, Michel Lecoq, Françoise Leick e Caty Polo.

## Direção e equipe técnica

Diretora artística - Maguy Marin

Co-diretor - Denis Mariotte

Gerente geral - Antoine Manaloglou

Diretor de cena - François Renard

Assistente de iluminação - Alex Beneteaud

A tournée na América Latina está sendo realizada graças à colaboração da Associação Francesa de Ação Artística, da Aliança Francesa e do IFAL do México. A Companhia é subvencionada pelo Ministério da Cultura, da Comunicação, dos Grandes Trabalhos e do Bicentenário, pelo Departamento de Val de Marne e pela Cidade de Créteil.

### Depoimento

“May B, baseada nos escritos de Samuel Beckett, cuja obra contradiz, em seu movimento

teatral e atmosfera, a atuação física e estética de um bailarino, nos têm permitido assentar as bases de um secreto decifrar de nossos gestos mais íntimos, mais ocultos e mais ignorados.”  
“Tentar descobrir estes gestos minúsculos ou grandiosos das muitas inadvertidas e pouco notáveis vidas, onde a espera e a imobilidade ‘não integralmente imóvel’ criam um vazio, um enorme nada, um espaço silencioso cheio de hesitações.”  
“Quando os personagens de Beckett anulam (ou alinham) a imobilidade, não podem evitar que se movam, seja este (movimento) pouco ou muito, mas que se movam.”  
“Nesta obra basicamente teatral, nosso interesse foi desenvolver poucas palavras e um discurso que se movimenta em uma forma de estalo, buscando, deste modo, por um lado, o ponto de encontro entre o movimento aplicado ao teatro e por outro, a dança e a linguagem coreográfica.”

**Maguy Marin**



---

Quando os personagens de Beckett, interpretados com muita habilidade pela Companhia Maguy Marin, alinham a imobilidade, estes não podem evitar o movimento.

---

---

A coreografia busca, por um lado, o ponto de encontro entre o movimento aplicado ao teatro e, por outro, a dança e a linguagem coreográfica como uma forma de expressão.

---





Fundação Bienal de São Paulo

#### Diretoria Executiva

Jorge Eduardo Stockler - Presidente  
Maria Rodrigues Alves -  
1.<sup>a</sup> Vice-Presidente  
Professora Marilena Chauí -  
2.<sup>a</sup> Vice-Presidente  
Álvaro Augusto Vidigal - Diretor  
Hélio Júlio Marchi - Diretor  
Dr. Roberto Kasinsky - Diretor

#### Curadores

Jacob Klintowitz - Curador Geral  
João Candido Galvão - Curador Geral  
de Artes Cênicas e Eventos Especiais

#### Comissão Técnica de Arte

Maria Bonomi - Presidente  
Norberto Nicola - Vice-Presidente

#### Conselho de Administração

Professor Celso Neves - Presidente  
Oscar Landmann - Vice-Presidente

40  
de Anos  
de Bienal

#### Comissão Organizadora do Evento

Jorge Eduardo Stockler - Presidente da  
Fundação Bienal de São Paulo

#### Membros

Horácio Berlinck Neto  
Alice Carta

#### Coordenação de Infra-estrutura

Elisete Leite Bezerra

#### Coordenação Comercial

Creusa Maria Monzani  
Paulo César Leitão Teixeira  
Regina Barros do Amaral  
Amarílio Ferreira Júnior

#### Coordenação de Venda de Convites

Mary Gonçalves Souza Dantas  
Leila Monte Negro  
Liane Rios  
Elisabeth Cardoso de Souza

## Revista 40 Anos de Bienal

#### Agradecimentos Especiais

*Cônsul Geral da França*  
Ivis Saillard

*Adido Cultural do Consulado da França*  
Nicolas Martin

*Superintendente da Sociedade  
de Cultura Artística*  
Gerald Perret

*Presidente da Rhodia S.A.*  
Edson Vaz Muza

Aldemir Martins

José Zaragoza

Gustavo Rosa

*Haras Itaquerê*  
Dino Tofini

#### Apoio Cultural



REDE RECORD

O ESTADO DE S. PAULO

jornal da tarde



Câmara de Comércio e Indústria  
Franco-Brasileira

un printemps français

## Homenagens

*Presidente da República*  
Fernando Collor de Mello

*Secretário de Cultura*  
Ipojuca Pontes

*Governador do Estado de São Paulo*  
Orestes Quêrcia

*Secretário Estadual de Cultura*  
Fernando Morais

*Prefeitura do Município de São Paulo*  
Prefeita - Luiza Erundina

*Secretaria Municipal de Cultura*  
Secretária - Marilena Chauí

*Teatro Municipal*  
Diretor - Emílio Kalil

## Expediente

#### Revista 40 Anos de Bienal

Editor e jornalista responsável: Adonis  
Alonso (MTB nº 11.026)  
Reportagem e redação: Luís Cláudio  
Marchesi e Karen Cavalcanti  
Fotografia: Kiko Coelho  
e Marcelo Uchoa  
Produção editorial, gráfica e fotolito:  
EBART-Escritório Brasileiro de Artes  
Impressão: Gráfica Brasileira Ltda..  
Assessoria de Imprensa:  
Companhia de Notícias  
Segurança externa (evento): Silvério  
Benedito de Paula



## AS PRENDAS DOMÉSTICAS DA SANBRA.

Pesquisar, testar, desenvolver novas tecnologias e, principalmente, antecipar as necessidades da dona-de-casa brasileira são preocupações prioritárias da Sanbra. Lançando novos produtos. Aperfeiçoando aqueles que você já conhece. Facilitando o seu dia-a-dia e tornando sua vida gostosa. Mas o melhor de tudo é que quando um produto da Sanbra entra na sua casa, entra com toda a qualidade que você exige e com todo o respeito que você merece.

 **SANBRA**

Pioneira na tecnologia de alimentos

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1990

GABRIEL FAURÉ

“PELLÉAS ET MELISANDE” (*música de cena*) Op. 80

1 - *Prelúdio, quasi adagio*

2 - *A fiandeira, andantino quasi allegretto*

3 - *A siciliana, allegro molto moderato*

4 - *Molto adagio*

GEORGES BIZET

SINFONIA em Dó Maior

1 - *Allegro vivo*

2 - *Adagio*

3 - *Allegro vivace (scherzo)*

4 - *Allegro vivace*





**O FUTURO É O DIA-A-DIA DA SANTISTA.**

O futuro é uma questão de mentalidade e dinamismo. É a busca de novos produtos e serviços, aprimoramento de tecnologia, novas alternativas de matérias-primas, integração com a comunidade e melhoria dos recursos humanos. Um trabalho diário em que todas as empresas da Corporação Santista apostam e realizam. Onde existe futuro, a Santista está presente.

---

**Moinho Santista e Associadas**

---

